



ERNESTO JOSÉ DUTRA

**ESTUDOS SOBRE O ESPORTE:** proposição de uma unidade didática  
para alunos de ensino médio.

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG  
2020





ERNESTO JOSÉ DUTRA

**ESTUDOS SOBRE O ESPORTE:** proposição de uma unidade didática  
para alunos de ensino médio

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Montandon Soares Aleixo

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG  
2020





# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional –  
ProEF

D978e Dutra, Ernesto José  
2020 Estudos sobre o esporte: proposição de uma unidade didática para alunos do ensino médio. [manuscrito] / Ernesto José Dutra – 2020.  
121 f., enc.: il.

Orientador: Ivana Montandon Soares Aleixo

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Bibliografia: f. 111-117

1. Educação física – estudo e ensino – Teses. 2. Educação física para adolescentes – Teses. 3. Ensino médio – Teses. I. Aleixo, Ivana Montandon Soares. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371,73

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danlo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



**Mestrado Profissional em**  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**

ERNESTO JOSÉ DUTRA

**ESTUDOS SOBRE O ESPORTE:** proposição de uma unidade didática para alunos de ensino médio

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física - Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Montandon Soares Aleixo

Data da defesa: 30/06/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Professora Doutora Ivana Montandon Soares Aleixo**  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

**Membro Titular: Professor Doutor Maurício de Azevedo Couto**  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

---



**Membro Titular: Professora Doutora Kátia Lúcia Moreira Lemos**  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Local:** Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
**UFMG – Câmpus Pampulha/ Belo Horizonte**



# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



	<p><b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS</b> <b>ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E</b> <b>TERAPIA OCUPACIONAL</b></p> <p>Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional (PROEF)</p>	
<b>ATA DE SESSÃO PÚBLICA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO</b>		
<p>MESTRANDO: ERNESTO JOSÉ DUTRA INÍCIO DO CURSO: 2018</p> <p>As 09:30 horas do dia 30 de junho de 2020, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais foi realizada a sessão pública de forma online, da defesa da Dissertação de Mestrado de ERNESTO JOSÉ DUTRA, com o trabalho intitulado: ESTUDOS SOBRE O ESPORTE: uma proposição de unidade didática para o ensino médio. A Banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: PROFA. DRA. IVANA MONTANDON SOARES ALEIXO (orientadora), PROFA. DRA. KÁTIA LÚCIA MOREIRA LEMOS e PROF. DR. MAURÍCIO AZEVEDO COUTO. O candidato realizou apresentação oral de sua pesquisa por, aproximadamente 20 minutos. Em seguida, foi arguido pelos professores da Banca, tendo respondido satisfatoriamente todas as perguntas que lhe foram formuladas. Após a arguição, a banca destacou a relevância do tema para a área da Educação Física Escolar e o diálogo metodológico com a qual a pesquisa foi realizada, indicando a dissertação para publicação.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Trabalho aprovado</p> <p><input type="checkbox"/> Trabalho reprovado</p> <p style="text-align: center;">Belo Horizonte 29 de junho de 2020.</p> <p>Candidato: <u><i>Ernesto José Dutra</i></u> ERNESTO JOSÉ DUTRA</p> <p>Banca:</p> <p><u><i>Ivana Montandon Soares Aleixo</i></u> Profa. Dra. IVANA MONTANDON SOARES ALEIXO</p> <p><u><i>Kátia Lúcia Moreira Lemos</i></u> Profa. Dra. KÁTIA LÚCIA MOREIRA LEMOS</p> <p><u><i>Maurício Azevedo Couto</i></u> Prof. Dr. MAURÍCIO AZEVEDO COUTO</p>		

# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



À minha Mãe, Miriam, que nunca mediu esforços para me ver chegar onde estou, sempre focada em minha formação.

À minha esposa, Fabíola, e às minhas filhas Laura e Laís, amo vocês.

A todos os professores de Educação Física Escolar espalhados pelo país que, assim como eu, buscam a valorização e a legitimação da profissão através do trabalho no “chão da quadra”.



## AGRADECIMENTOS

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica, pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

A Deus, por me dar o dom da vida e a saúde para esta caminhada;

À minha mãe, Míriam Dutra, pela minha criação, pelo seu exemplo pessoal e profissional. Ademais, o apoio e a força dados a mim me impulsionaram a seguir. Te amo!

À Fabíola Garcia, meu amor, que me inspira e me dá coragem de seguir sempre em frente, nossa jornada de vida é linda e será cada dia mais. Te amo!

Às minhas filhas, Laura e Laís, que assim como a mãe, sempre seguraram a barra da saudade quando eu precisava de me ausentar para as aulas, vocês são a luz da minha vida! Lindas do papai!

Ao meu irmão, João Antônio Dutra, que mesmo de longe sempre esteve ao meu lado me incentivando, sucesso meu irmão, nós merecemos.

Ao meu amigo, Dante Carelli, pela força e incentivo durante todo o processo de mestrado e principalmente por ter me indicado o PROEF, gratidão!

A todos os amigos, companheiros de mestrado, Aline Borges, Breno Araújo, Diego Mercossi, Ronaldo Martins, Tábata Januário, Carolina Mezzetti, Raquel Oliveira e Paulo Henrique Luz, agradeço o companheirismo e o apoio de cada um que, ao seu jeito, contribuiu para cumprir essa jornada.

Aos também companheiros de mestrado, grandes amigos que entraram em minha vida, Rogério Alves, Fábio Souza e Felipe Senra, vocês são os caras, nossas resenhas foram e sempre serão incríveis.

Aos alunos que participaram desta pesquisa e também aos meus, sem vocês nada valeria a pena.



## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Aos amigos professores e aos funcionários das escolas em que trabalho, obrigado pelo carinho de sempre.

A todos os professores do polo UFMG que contribuíram ricamente para o aprimoramento da minha vida acadêmica e profissional, obrigado pelo conhecimento adquirido e pelos momentos de descontração.

Ao amigo Hudson Giovanni, pela bela colaboração na revisão deste texto, gratidão!

À Professora Doutora Ivana Montandon Soares Aleixo, minha orientadora, que me guiou e atendeu prontamente em todos os momentos.

À coordenação do PROEF, por não medir esforços para que este programa acontecesse.

Agradeço a todos os envolvidos, pela existência deste programa de mestrado tão democrático que proporcionou a diversos professores a oportunidade de retomar a vida acadêmica, muito obrigado.







# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Se a gente nota  
Que uma só nota  
Já nos esgota  
O show perde a razão  
Mas iremos achar o tom  
Um acorde com lindo som  
E faze com que fique bom  
Outra vez o nosso cantar  
E a gente vai ser feliz  
Olha nós outra vez no ar  
O show tem que continuar.

Fundo de Quintal (Compositores - Montgomery Nunis / Arlindo Filho / Luiz  
Baptista)  
(O Show tem que continuar)





## RESUMO

Este estudo trata de um novo olhar sobre o ensino do esporte na escola, um olhar para o esporte como fenômeno em si, sua historicidade, sua relevância social, cultural e econômica. Devido à magnitude do fenômeno esportivo e sua importância na sociedade, este estudo se mostra relevante, pois apresenta uma ferramenta, a Unidade Didática, possível para um trato pedagógico diferente com o ensino do esporte na escola. Pautamos a metodologia baseada nos preceitos de uma pesquisa qualitativa, especificamente na pesquisa-ação e na pesquisa-ensino. A amostra foi composta por 18 estudantes de ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 18 anos, sendo desenvolvidos os conteúdos da unidade didática sobre o ensino do esporte. Ao final de cada encontro, foi realizado um grupo focal com o intuito de verificar as impressões dos alunos sobre a aula, os sentimentos e os conhecimentos sobre os saberes conceituais do tema da aula. Durante a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) das falas dos alunos, percebeu-se uma boa aceitação com relação à unidade didática, também relataram ter cumprido seu objetivo final, apresentar uma de se ensinar esporte na escola. Concluímos que não existe certa de se trabalhar com o ensino do esporte na escola. Pretendemos apresentar este estudo de a agregar habilidades e competências fundamentais no ensino para a Educação Física escolar. Fornecendo para o domínio da prática, reflexões e referenciais sobre o fazer pedagógico nas condições de prática de ensino real.

**Palavras-chave:** Educação física. Didática. Esporte. Pedagogia Crítica.



## ABSTRACT

This study deals with a new look at the teaching of sport in school, a look at sport as a phenomenon in itself, its historicity, its social, cultural, and economic relevance. Due to the magnitude of the sports phenomenon and its importance in society, this study proves to be relevant, as it presents a tool, Teaching Unit, possible for a different pedagogical treatment with the teaching of sport at school. The methodology is based on the precepts of qualitative research, specifically in action research and teaching research. The sample consisted of 18 students of both genders, aged 15 to 18 years. The contents of the Teaching Unit on the teaching of the sport were developed, and at the end of each meeting, a focus group was held in order to verify the students' impressions about the class, the feelings, and the knowledge about the conceptual knowledge of the class theme. During the content analysis (BARDIN, 2016) of the students' speeches, it was noticed a good acceptance of the students about the Teaching Unit, who also reported having fulfilled their final objective, to present a new way of teaching sport at school. We conclude that there is no right way to work with teaching sports at school. We intend to present this study in order to aggregate fundamental skills and competences in teaching for physical education at school, providing for the domain of practice reflections and references on pedagogical practice in the conditions of real teaching practice.

**Keywords:** Physical education. Didactics. Sport. Critical Pedagogy.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Quadro de conteúdo BNCC .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>	8
Figura 2: Alunas praticando luta medieval.....		77
Figura 3: Slide convidando os alunos para a próxima etapa da aula .....		82
Figura 4: Alunos fazendo a contagem de pontos pelo computador de um jogo com vantagem e de um jogo sem vantagem.....		86
Figura 5: Alunos fazendo a leitura do texto “Educação Física e Esporte: Esporte na Escola e o Esporte da Escola nas aulas de Educação Física .....		89
Figura 6: Alunos jogando basquete em trios em um das estações propostas no circuito I .....		95
Figura 7: Alunos e professor-pesquisador praticando o Sepaktakraw.....		100



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pesquisa CEBRAP sobre percepção dos alunos sobre as disciplinas escolares.....	24
---	----



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento  
EAT – Ensino – Aprendizagem – Treinamento  
EFI – Educação Física  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MEC – Ministério de Educação e Cultura  
MP – Medida Provisória  
OCNEM – Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio  
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais  
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TGFU – Teaching Games for Understanding  
UD – Unidade Didática



# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
1.1	Objetivos .....	21
1.1.1	Objetivo geral.....	21
1.1.2	Objetivos específicos.....	21
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	22
2.1	Educação física no ensino médio .....	23
2.1.1	Base nacional comum curricular (BNCC) .....	30
2.1.1.1	Currículo básico comum (CBC) - Estado de Minas .....	31
2.2	Esporte na escola.....	32
2.2.1	A didática da educação física e a pedagogia do esporte .....	35
2.3	Conteúdo esporte no ensino médio.....	54
2.4	Estudos sobre o esporte – A unidade didática.....	61
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b> .....	66
3.1	Universo da pesquisa.....	66
3.2	Participantes .....	68
3.3	Aspectos éticos.....	68
3.4	Instrumentos .....	69
3.5	Procedimentos para a coleta e seleção de dados.....	71
3.6	Procedimentos para a análise de dados.....	72
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	72
4.1	Análise do caminho percorrido .....	71
4.2	Plano de ação para a unidade didática “Estudos sobre o Esporte” .....	73

# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	111
	ANEXOS .....	118



## 1 INTRODUÇÃO

Ensinar o Esporte dentro das aulas de Educação Física escolar pode até parecer uma tarefa fácil, afinal fomos formados para isso. Mas será realmente que está sendo fácil trabalhar esse conteúdo da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física escolar no Ensino Médio? O tema vem sendo discutido e debatido há muitos anos, ainda assim sentimos a necessidade de trazer a nossa visão, o nosso debate sem a pretensão de apresentar soluções prontas e acabadas. Percebermos que as questões relacionadas à prática pedagógica do esporte na escola precisam ser repensadas e revistas. O momento atual coloca em xeque o trabalho do professor no contexto escolar em relação às abordagens utilizadas para o desenvolvimento do esporte nas aulas de Educação Física.

O trato pedagógico com o conteúdo esporte durante as aulas, o conhecimento que os alunos detêm a respeito dos saberes conceituais, a predominância dos conhecimentos técnicos em detrimento de outros saberes e o conhecimento real que os alunos possuem sobre o esporte como fenômeno em si são os problemas que tentaremos compreender durante este estudo. Percebemos que uma parcela significativa de alunos, do Ensino Médio, não participa muito das aulas, seja pelo desconhecimento, seja pela falta de interesse, seja por serem repetitivas, logo cabe ao profissional de Educação Física ter papel preponderante na utilização do esporte sob a ótica da educação e como conteúdo presente na Educação Física escolar, pois passa a ser o principal responsável, a propiciar elementos que contribuam para a formação integral dos seus alunos.

Há uma distância entre o que se produz e o que de fato é realizado no chão da escola, essas indagações são na verdade as inquietações que o professor-pesquisador tem com relação ao ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, especificamente nas suas próprias aulas. As inquietações elencadas, não apenas neste estudo, mas em qualquer outro estudo que tenha a mesma característica deste, ou seja, capaz de refletir, analisar, interferir e melhorar a

própria prática docente, são as molas propulsoras desta pesquisa que contará com uma criação de Unidade Didática (UD) sobre o ensino dos esportes e discussões em grupos focais sobre (ela). Assim, buscamos responder a essas inquietações dialogando com autores referências sobre o tema discutido.

Para referenciar esta pesquisa, contaremos com a contribuição de autores especialistas nas pedagogias do esporte e na didática da Educação Física escolar, especialistas no segmento Ensino médio, em juventude e suas relações com o esporte e a escola, e, também, com os pressupostos legais que norteiam a Educação Física escolar no Ensino Médio e, conseqüentemente, o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar.

O esporte é um fenômeno social e também patrimônio cultural da humanidade (TUBINO, 1999), estar intrínseco à Educação Física é uma forma de sociabilização e de transmissão de valores. Portanto, observa-se que o esporte envolve várias camadas, sendo um fenômeno que possui uma linguagem universal. Na escola, deve ser abordado como um conhecimento da cultura corporal de movimento, assim sendo sua abordagem pedagógica nas aulas de Educação Física tornar-se-á extremamente relevante.

As normas legais norteiam a EFI escolar indicando o que descreve a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, 2018 (MEC/BRASIL, 2018). De acordo com a BNCC, o esporte divide espaço com mais cinco Unidades temáticas, ao todo são: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura. Apesar de dividir igual espaço nos documentos norteadores o “conteúdo esporte” ainda é quase hegemônico nas aulas de Educação Física escolar.

No mesmo documento, começamos a entender sua importância e amplitude quando vemos as divisões dos conteúdos por ano de escolaridade. As subcategorias relacionadas ao esporte são mais presentes das que as da ginástica, por exemplo, como o ilustrado na figura abaixo.

Figura 1: Quadro de conteúdo BNCC

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	6º E 7º ANOS	8º E 9º ANOS
<b>Brincadeiras e jogos</b>	Jogos eletrônicos	
<b>Esportes</b>	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
<b>Ginásticas</b>	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
<b>Danças</b>	Danças urbanas	Danças de salão
<b>Lutas</b>	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
<b>Práticas corporais de aventura</b>	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) p.231

A Base Nacional Comum Curricular de 2018 – BNCC, (MEC/BRASIL, 2018, p. 215), na qual o esporte é uma das seis unidades temáticas a serem trabalhadas na educação física escolar, também traz a importância do esporte e também da sua ressignificação quando remete a uma prática fora das regulamentações oficiais que em seu texto são chamadas de práticas derivadas do esporte.

Sobre o conteúdo esporte é perceptível tanto a repetição de alguns temas como os esportes de quadra, quanto à repetição das mesmas metodologias e objetivos dentro das aulas, assim o conteúdo esporte acaba se empobrecendo pedagogicamente no ensino médio, quando sua prática resume em repetir de maneira institucionalizada o esporte apreendido.

Pensando especificamente nos alunos dos três anos do Ensino Médio, e na maneira como o esporte é tratado pedagogicamente, pode perceber um desinteresse grande por parte deles. Em relatos pessoais, escuta-se desses alunos algo do tipo: *professor, não quero participar, pois não sei jogar esse esporte*, criando assim um vínculo de participação assimilado à técnica apurada para

participação, por vezes podemos, também, nos deparar com falas como, *Ah! Agora sim eu participo, este esporte eu sei jogar.*

Analisando essas duas narrativas fictícias, mas com certeza presente em algum momento da vida docente, nos remetemos às premissas do esporte de rendimento, que de alguma forma ficou marcada na vida desses alunos, assim como nos traz Carlan (2018, p. 31) quando diz que o reducionismo às técnicas e à forma institucionalizada de “jogar o esporte” produziu muitas exclusões, discriminações e comparações.

Precisamos de muitos avanços teóricos que contribuam para uma compreensão do esporte num sentido muito além da mera atividade prática, ou seja, da aquisição de um saber em relação às realizações objetivas dele, bem como melhorar a efetividade de sua prática com suas especificidades. (KUNZ, 2016, p17)

Atualmente as aulas de educação física ainda têm sido, por mais que apareçam propostas inovadoras, um espaço de repetição e vivência do esporte em sua forma mais institucionalizada, com códigos e regras que tangem o esporte de alto-rendimento, nesses moldes o esporte perde seu caráter educacional, uma vez que é campo privilegiado dos mais aptos. E mesmos os mais aptos, ao vivenciarem o esporte dessa forma, não aproveitam tudo o que o esporte pode proporcionar e não coadunam com a ideia de aprender sobre o fazer.

Um exemplo bem claro é quando se faz uma pergunta sobre a origem de determinada modalidade esportiva a alunos de Ensino Médio e esses não fazem ideia da resposta, ou mesmo questionar sobre a classificação dos esportes quanto à sua característica individual ou coletiva, pois assim como Bracht (2019, p.105) entendemos que o esporte deva ser apresentado para os alunos de duas formas, uma, apropriando-se das técnicas de maneira a poder praticar os esportes e outra, se apropriando de conhecimentos (saberes conceituais) para que do esporte possam ter uma visão crítica.

Mesmo sendo hegemônica, a presença do esporte nas aulas de educação física e as práticas pedagógicas nem sempre fazem referência a tudo que o esporte pode proporcionar, além da técnica, tática e regras existem temas no esporte que podem e devem ser trabalhados, os saberes conceituais sobre o esporte é o tema a ser proposto neste estudo. Portanto este estudo visa tratar o esporte dentro de sua lógica externa<sup>1</sup> e ir além da sua divisão por modalidades e categorias, fazendo com que os alunos entendam o que é esporte, como surgiu tal fenômeno.

Há, portanto, neste estudo, a intenção de aprofundar os saberes conceituais do esporte, sua historicidade e relevância dentro e fora do ambiente escolar. E assim poder elaborar de forma sistemática e organizada uma unidade didática voltada para tal fenômeno, concordando com Tubino (2010, p. 17) que entende o esporte como importante fenômeno sociocultural merecedor de mais estudos, voltados também para os aspectos sociais, culturais, políticos e educacionais.

O presente estudo pretende apresentar uma proposta de organização metodológica do conteúdo Esporte através da elaboração de uma unidade didática intitulada “Estudos Sobre o Esporte”, na qual, de uma forma mais ampla, o esporte seja tratado pedagogicamente a partir de sua historicidade, suas mudanças e evoluções, classificação, influência da mídia, entre outros pontos a serem estudados e vivenciados pelos alunos.

A unidade didática proposta poderá ser incluída no modelo de sistematização dentro dos três anos do Ensino Médio, associando-se aos demais conteúdos. Com isso, espera-se que este estudo e seu produto final possam, ao longo desse caminho tortuoso de mudanças, contribuir com o cotidiano pedagógico e colaborar com a busca por valorização e legitimação da educação física escolar como componente curricular.

---

<sup>1</sup> De acordo com Barroso e Souza Júnior (2017, p. 256-257) a lógica externa é aquela que possibilita ao indivíduo a compreensão de fatores externos à prática desportiva, como sua relação com a economia, com a cultura e sociedade.

Assim, entendemos que a proposta deste estudo não será uma receita pronta e nem a solução fácil para o tratamento pedagógico do conteúdo Esporte, mas com muita cautela sirva como mais uma ferramenta, um produto prático, para o ensino do conteúdo Esporte na escola, especificamente nas turmas de ensino médio.

## 1.1 Objetivos

### 1.1.1 Objetivo geral

Elaborar uma proposta de sistematização e organização metodológica do conteúdo Esporte através da elaboração de uma unidade didática intitulada “Estudos Sobre o Esporte”.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Tratar o esporte com metodologia diferente, entendendo-o como fenômeno em si, e não como modalidades isoladas;

Entender o fenômeno esportivo dentre suas diversas manifestações culturais, sociais, econômicas e políticas;

Compreender a origem e a criação de um esporte a partir de uma atividade, processo de esportivização;

Intensificar nos alunos a relevância do esporte nos dias de hoje, assim como a importância de estudá-lo além da prática;

Compreender se as mudanças na metodologia do ensino do esporte, aplicadas na Unidade Didática, trouxeram novos significados e conhecimentos aos alunos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Antes de chegarmos à elaboração da Unidade didática, faremos uma revisão de literatura por meio da qual buscaremos autores que estão discutindo atualmente e/ou no passado questões relacionadas à didática e à pedagogia do esporte e, também, como está sendo vista a Educação Física no segmento do Ensino Médio tanto na literatura específica quanto nos documentos oficiais norteadores como a BNCC e os OCNEM'S.

## 2.1 Educação física no ensino médio

Neste capítulo, vamos debater a Educação Física no Ensino Médio sob a óptica dos seus normativos, dos seus atores principais, dos jovens, e das obras específicas sobre o tema, assim como discutiremos o escopo principal deste estudo: o ensino do conteúdo esporte no Ensino Médio.

O Ensino Médio vem passando por mudanças profundas no que diz respeito à discussão sobre as suas funções, o jovem ponto central, juntamente com a prática de atividades, são desafios constantes.

Para que possamos contar com uma Educação Física valorizada e legitimada perante os alunos e a comunidade escolar, é necessário que os professores comecem a entender o porquê e o para quê serve a Educação Física no Ensino Médio planejando e promovendo boas aulas, elaborando projetos dentro da escola, ou seja, valorizando o seu trabalho perante os disparates causados por leis, governantes e comunidade escolar.

Gaya (2014) confirma essa posição quando diz que:

A Educação Física é desvalorizada por professores de educação física que se mantendo presos entre fronteiras rígidas de concepções racionalistas e intelectualistas manifestam complexo de inferioridade por ter de lidar com corpos sensíveis. Corpos que correm, saltam, jogam, dançam e fazem esportes. (GAYA, 2014, p.31)

Para entender a relevância da Educação Física no currículo do Ensino Médio, necessitamos também entender a relevância que esta disciplina tem na vida desses educandos.

Em pesquisa realizada pelo CEBRAP – (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), Torres *et al.* (2013) trazem vários fatores que ligam os jovens à escola, mais precisamente o que eles pensam sobre a escola.

O ponto que, particularmente, nos chamou mais a atenção na entrevista foi a questão sobre o gosto do aluno pelas disciplinas escolares e sua opinião sobre a



utilidade das mesmas, sendo assim os autores tiveram como resultado a tabela abaixo:

**Tabela 01 – Pesquisa CEBRAP sobre percepção dos alunos sobre as disciplinas escolares.**

Tabela 6.8 Aspectos relacionados ao interesse dos entrevistados pelo conteúdo das disciplinas no Ensino Médio. Jovens de 15 a 19 anos residentes nos setores censitários com menor renda domiciliar per capita, que frequentam ou frequentaram o Ensino Médio. RMs de São Paulo e Recife, 2012

Disciplina	Gostava da matéria				Acreditava que a matéria tenha utilidade			
	Estudante	Abandonou	Concluiu	Total	Estudante	Abandonou	Concluiu	Total
Português	76,6%	70,4%	83,8%	77,3%	80,5%	66,3%	80,7%	78,8%
Educação Física	63,8%	62,7%	62,8%	63,5%	20,9%	40,3%	26,6%	24,2%
Artes	65,7%	50,3%	54,2%	63,0%	22,0%	27,0%	23,2%	22,8%
Biologia	59,4%	48,5%	70,5%	59,8%	29,6%	30,4%	34,2%	30,5%
Idiomas estrangeiros	61,1%	45,6%	57,3%	59,0%	42,0%	37,8%	41,8%	41,4%
História	55,0%	65,0%	66,8%	57,3%	33,5%	36,4%	41,0%	35,1%
Matemática	55,0%	49,7%	63,7%	55,6%	77,1%	71,1%	84,5%	77,6%
Geografia	50,9%	60,8%	62,7%	53,8%	33,3%	34,4%	35,3%	33,8%
Química	46,1%	55,3%	62,5%	49,5%	28,5%	33,1%	26,8%	28,8%
Filosofia	45,1%	37,7%	62,5%	46,6%	24,2%	24,8%	27,6%	24,9%
Física	43,0%	45,3%	46,0%	43,7%	27,8%	27,0%	27,4%	27,6%
Sociologia	43,4%	41,8%	45,1%	43,4%	22,2%	23,5%	30,2%	23,7%
Literatura	42,5%	25,7%	43,0%	40,9%	20,9%	13,6%	15,7%	19,1%

Fonte: Pesquisa Cebrap - FVC.

Analisando alguns pontos dessa tabela, percebemos a discrepância entre o “gostar” e a “utilidade” das disciplinas. Em uma visão mais geral, é notório que mesmo gostando da maioria das disciplinas, os estudantes não acreditam ter utilidade em quase todas elas, as que mais igualam às opiniões são Português e Matemática. Trazendo para nosso campo profissional, é relevante destacar que a Educação Física é uma das mais queridas na visão dos estudantes e em contrapartida é, junto com a Literatura, a disciplina mais “inútil” de acordo com eles.

Com o objetivo semelhante, Oliveira et al. (2019, p. 2 e 3) verificaram que a Educação Física é uma das disciplinas mais importantes, atrás somente de Português, Matemática e História. Os autores também verificaram que a disciplina de Educação Física deveria oferecer mais aulas teóricas e práticas sobre temas relevantes e atuais.

A disciplina Educação Física desperta nos alunos o interesse em envolver-se com as atividades e exercícios corporais criando convivências harmoniosas e construtivas. Conhecer seu corpo, valorizar e adotar hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agir com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva (PCN, Educação Física, 1997).

Além de tudo, para falarmos de Educação Física no Ensino Médio, precisamos entender também quem são os jovens que estão chegando à escola e/ou até mesmo migrando de um segmento para outro, esse aluno chega ao Ensino Médio repleto de experiências e vivências de dentro e de fora do ambiente escolar e as aulas de Educação Física, assim como outras disciplinas, precisam respeitar essas experiências.

Carrano e Dayrell (2014) descrevem esses jovens alunos ingressantes e presentes no Ensino Médio assim:

As escolas esperam alunos, e o que recebem são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo, muitas delas oriundas de redes de relacionamentos produzidas nos novos espaços-tempos da internet, dos mercados de consumo, de grupos culturais juvenis ou intergeracionais, de grupos religiosos e de culturas criativas e periféricas. São muitos os jovens aprisionados no espaço e no tempo – presos em seus bairros periféricos e com enormes dificuldades para articularem projetos de vida. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca experiência de circulação pela cidade e se beneficiam pouco ou quase nada das atividades e das redes culturais públicas ofertadas em espaços centrais e mercantilizados de nossas cidades. (CARRANO E DAYRELL, 2014, p.127)

Ferreira, Rufino e Darido (2017) entendem que para compreender a relevância da Educação Física escolar devemos também,

Compreender o que os estudantes gostam e não gostam, quais os motivos os levam a tomar decisões e quais os desafios que a educação física ainda necessita superar para atender e proporcionar aos alunos vivências significativas. (FERREIRA, RUFINO E DARIDO, 2017, p. 88)

Ferreira (2018), em sua tese de mestrado, também discutiu a relevância que o Ensino Médio tem na vida dos jovens e conclui que:

Os jovens estudantes do ensino médio são, nesse escopo, caracterizados como aqueles que anseiam por diálogo, o qual necessitam que seja

mediado por aquilo presente em seus mundos, que faça sentido para que possa ser significado. (FERREIRA. 2018, p.38)

As aulas de Educação Física escolar em toda educação básica precisam fazer sentido para os alunos, afirmativa possível de encontrar em muitas literaturas, mas que pessoalmente vejo maior relevância quando falamos de Ensino Médio.

Como os autores supracitados afirmam, é preciso compreender o que os alunos gostam para que aquele conteúdo possa fazer sentido em sua vida, assim podemos retornar à pesquisa de Torres *et al* (2013) descrita acima neste mesmo capítulo em que os autores apontam que mais das metades dos entrevistados gostam das aulas de Educação Física escolar, mas apenas vinte por cento desses entrevistados veem utilidade na disciplina, corroborando a importância de uma resignificação no ensino da Educação Física no Ensino Médio.

Assim, compreender a visão dos jovens sobre a Educação Física no Ensino Médio é necessário, mas é preciso também compreender quem são esses jovens. Oliveira *et al.* (2020), em seus estudos, buscaram compreender os termos relacionados à juventude, assim como o próprio conceito de Jovem.

Sobre esse tema, os autores descrevem que existem pelo menos três correntes sociológicas diferentes que buscam entender o conceito, são elas: as teorias tradicionais que veem a juventude como período de transição entre a infância e a vida adulta; as teorias críticas que dão ênfase na diversidade e na capacidade revolucionária dos jovens e as teorias pós-críticas que entendem que a transição da juventude para a vida adulta não é linear e depende de diversos fatores, ainda segundo os autores existem as teorias legais que determinam prazos para início e término da juventude.

Dayrrel e Jesus (2016), em estudo feito sobre os processos de exclusão escolar, contribuem, por meio desses estudos que para entender esse processo também é importante conceber outros pensamentos sobre seus sujeitos, os jovens.

Em um nível mais amplo, temos de considerar que, quando cada um desses jovens nasceu, inseriu-se numa sociedade que já tinha uma existência

prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. São as macroestruturas que vão apontar, a princípio, um leque mais ou menos definido de opções em relação a um destino social, seus padrões de comportamento, seu nível de acesso aos bens culturais etc. e que vão definir as experiências a que cada um dos jovens adolescentes teve e tem acesso. (DAYRELL e JESUS, 2009, p. 409)

Outra contribuição com o objetivo de conceituar “Juventude”, mas seguindo os mesmos preceitos dos autores supracitados, ou seja, a inexistência de um conceito único e exato para tal termo é o que nos traz Barrientos-Parra (2004).

Não existe uma juventude, mas multiplicidade delas, tantas quantas são as tribos existentes. Não temos a pretensão aqui de oferecer uma conceituação abrangente dessa realidade. Existem juventudes organizadas por adultos, como por exemplo aquelas constituídas no âmbito de clubes, partidos políticos, igrejas e sindicatos. De outro lado, existem grupos de jovens que se formam espontaneamente pela identificação com alguma atividade desportiva, cultural, acadêmica ou científica (BARRIENTOS-PARRA, 2004, p. 132)

E complementa que a juventude se destaca pela simplicidade de encarar a vida e sua criatividade no âmbito cultural. Os jovens ditam modas, tendências musicais e culturais. A juventude altera as formas de comunicação, de ação na política, assim como participam ativamente da vida científica e esportiva “negando e opondo-se a conceitos vigentes” (BARRIENTOS-PARRA, 2004, p. 132).

De certo que não é fácil encontrar a definição correta sobre juventude, sobre jovens nem é objetivo deste tópico encontrar tal conceito fechado, assim como é difícil conceituar, entender também é árduo.

Buscaremos durante todo o trabalho compreender os jovens e suas relações com a escola, com seus professores, colegas de escola e toda a comunidade escolar, principalmente, os jovens dentro do processo de ensino-aprendizagem do esporte e dentro das aulas de educação física, ou seja, mesmo entendendo que a juventude, segundo o Estatuto da Juventude no seu capítulo I, parágrafo primeiro diz que “para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”, retomaremos neste estudo os jovens inseridos no universo escolar, regularmente

no ensino médio dos 15 aos 17 anos e também jovens fora da idade escolar e matriculados em cursos de EJA.

Barroso e Souza Júnior (2017, p. 254) apresentam uma suposta meta a ser atingida pelos alunos no final do Ensino Médio, que trago na íntegra a seguir:

Dessa forma, ao final do ensino médio, esperamos que o aluno consiga ter a clareza de alguns pontos sobre o esporte. Um dos eixos que desejamos que os alunos compreendam é que o esporte pode ser utilizado para três objetivos distintos:

Rendimento – praticado predominantemente por profissionais com o intuito de alcançar títulos, medalhas, recordes, etc.; lazer – praticado por qualquer pessoa com o propósito de divertimento, descontração, estando muito vinculado às inter-relações de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social; qualidade de vida – praticado com certa estrutura sistematizada, buscando uma manutenção e/ou melhora nas condições de saúde pessoal. Ainda pretendemos que o aluno, ao final deste período escolar, interiorize determinados aspectos relacionados ao esporte: aluno praticante – tenha efetivamente a vivência regular de uma ou mais modalidades esportivas, independente do objetivo a ser traçado; aluno espectador – demonstre o interesse pelo esporte e que possa ter condições de analisar tecnicamente e taticamente diferentes modalidades esportivas; aluno consumidor – consiga ter um olhar crítico do esporte direcionado ao alto rendimento como um produto mercadológico, sofrendo interferências da mídia, sendo utilizado como propaganda de equipamentos e/ou vestuários esportivos, entre outros fatores. (BARROSO e SOUZA JÚNIOR, 2017, p. 255-256).

Dessa forma, ao final do Ensino Médio, esperamos que o aluno consiga ter a clareza de alguns pontos sobre o esporte. Há de se concordar com os autores sobre o que se espera que os alunos aprendam no final do Ensino Médio, mas também podemos nos basear em outros preceitos como os de Costa e Kunz (2016) que compreendem que na Educação Física escolar é importante.

Inicialmente, conhecer o esporte em suas diferentes manifestações (compreender o esporte), a fim de entender que no contexto escolar é possível e é importante praticar o esporte (experimental o esporte), para então decidir sobre as mais diferentes formas e necessidades transformadoras (transformar o esporte). (COSTA E KUNZ, 2016, p. 29)

O conteúdo esporte não se esgota e nem se limita ao aprender a jogar determinada modalidade esportiva e também não pode ser considerado “não

aprendido”, se o aluno não conseguir ter uma boa desenvoltura em um jogo de voleibol, por exemplo.

Acredito ser necessário pensar esse conteúdo tão importante em nossas aulas, não apenas pelo parâmetro de ser um amontoado de modalidades esportivas, mas também, parafraseando Costa e Kunz, compreender o esporte, saber de onde surgiu esta palavra? Como um esporte é inventado? Qual a diferença entre um esporte e uma prática corporal.

Na última etapa da educação básica, para que os alunos consigam compreender o esporte e chegar ao fim desta etapa com os requisitos supracitados, se torna extremamente necessária uma mudança na forma de trabalhar com o esporte no Ensino Médio, muitos conceitos teóricos precisam ser debatidos dentro das aulas.

Este é o grande desafio, como trabalhar conceitos mais teóricos sem perder o caráter prático próprio de nossa disciplina? É o que pretendo apresentar neste estudo por meio de uma unidade didática voltada para o “estudo sobre o esporte”.

Com o objetivo de começarmos a nos aproximar do tema principal deste estudo, o ensino do esporte no Ensino Médio, traremos a debate as estreitas ligações dos jovens com o esporte, seja ele dentro ou fora do ambiente escolar. Para isso, abordaremos temas como a cultura dos locais onde se apresenta o esporte, as desigualdades sociais que influenciam nessa relação jovem/esporte, assim como a função da escola e, concomitantemente, a do professor de educação física para que essa relação não seja vista de maneira reduzida, apenas como prática exercida por alguns, mas sim como o objetivo principal deste trabalho que é fazer com que o jovem compreenda a relevância social, política, econômica e cultural do esporte na sociedade e, principalmente, a importância da prática dos esportes em qualquer âmbito.

### 2.1.1 Base nacional comum curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi redigida, em sua primeira versão, no ano de 2014 sendo homologada em 2017 para os segmentos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e no ano de 2018 foi complementada com o texto do segmento Ensino Médio. Pensada como documento normativo que orientasse as aprendizagens essenciais dos alunos ao longo de toda a educação básica.

A BNCC nos mostra a necessidade de recriação da escola, nesse caso o Ensino Médio, a fim de tentar resolver questões como a desigualdade social, o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho. E para que haja essa recriação da escola é “imprescindível reconhecer que as rápidas transformações na dinâmica social contemporânea nacional e internacional, em grande parte decorrentes do desenvolvimento tecnológico, atingem diretamente as populações jovens [...]” (BNCC, 2018, p.462), compreendendo que este público não é homogêneo e que cada um é possuidor de uma condição sócio-histórico-cultural.

No que tange à Educação Física Escolar no Ensino Médio, a BNCC traz que, além de experimentar os conteúdos da cultura corporal de movimento, é importante que os alunos sejam levados a reflexões críticas sobre essas práticas considerando os aspectos fisiológicos, sociais e culturais.

Essa reflexão sobre as vivências também contribui para a formação de sujeitos que possam analisar e transformar suas práticas corporais, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas em defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos. (BNCC, 2018, p. 484)

Mesmo ressaltada na BNCC, a Educação Física Escolar no Ensino Médio ainda passa por um período de mudanças relativas à sua obrigatoriedade na grade curricular, ou seja, além da dificuldade em planejar, ministrar aulas diferenciadas e significativas para os alunos de Ensino Médio, outro ponto de desconforto relacionado à Educação Física são as frequentes propostas de reforma do próprio Ensino Médio, tal como a medida provisória (MP) nº 746/2016 conhecida como a “reforma do Ensino Médio”.

Tal medida provisória visa em seu artigo primeiro alterar parte do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da Educação Física em toda a educação básica, alterando-o e restringindo-o como obrigatório, para apenas a Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Gariglio, Almeida Júnior e Oliveira (2017) criticam fortemente esta “reforma”.

No tocante ao campo da Educação Física, também fomos surpreendidos com a possibilidade de supressão desse componente curricular no Ensino Médio que se materializaria na não obrigatoriedade do mesmo em parte do trajeto formativo dos estudantes, fato que mobilizou um debate significativo em diferentes instâncias e contextos. (Gariglio, Almeida Júnior e Oliveira, 2017, p.55)

Entendemos que a reforma citada pretende retirar a obrigatoriedade da Educação Física escolar a partir de uma hierarquização das disciplinas curriculares, na qual algumas teriam mais importância que outra, isso porque segundo os autores, “no bojo desta contrarreforma determinadas disciplinas (Matemática, Língua Portuguesa e Inglesa) que já gozavam de alto status curricular ganharam ainda mais importância e reconhecimento pedagógico”. (GARIGLIO, ALMEIDA JÚNIOR E OLIVEIRA, 2017, p. 63)

#### 2.1.1.1 Currículo básico comum (CBC) - Estado de Minas Gerais

O Estado de Minas Gerais, hoje, possui para o Ensino Fundamental um novo Currículo Referência, baseado na BNCC, mas no Ensino Médio ainda é orientado pelo Currículo Básico Comum (CBC) de 2011. Este documento orienta também o ensino da educação física nas escolas.

...entendemos que o novo CBC contempla os conhecimentos mínimos necessários para que os adolescentes e jovens possam vivenciar a sua corporeidade com autonomia e responsabilidade, para intervirem na sociedade desse nosso tempo, com ludicidade e qualidade de vida. (CBC, 2011, p. 11)

Esse normativo também divide os conteúdos em eixos temáticos que são Esporte, Jogos, Brincadeiras, Ginásticas, Dança e expressões rítmicas. Percebe-se que diferente da BNCC e de outros normativos mais atuais, os CBC's não contemplam os conteúdos de Lutas e Práticas Corporais de Aventura. Portanto,



mesmo sendo desatualizada com os normativos atuais, à época trouxe alterações importantes para o campo da Educação Física escolar como a inclusão do lazer, da capoeira e dos conhecimentos sobre o corpo.

Esse documento trazia como diretrizes para a formação cidadã dos alunos entendimentos sobre o corpo concebido em sua totalidade, a qualidade de vida como requisito para a vivência corporal plena, as práticas corporais como linguagens, a ludicidade como essência da vivência corporal, a escolarização como tempo de vivência, a democracia como fundamento da cidadania, a ética e a estética como princípios norteadores da formação humana.

Este é, oficialmente, o normativo responsável por orientar as ações de ensino/aprendizagem em Educação Física no Ensino Médio, portanto dentro das escolas já há uma movimentação de professores e supervisão escolar para a utilização da BNCC enquanto aguardam a homologação do novo Currículo Referência de Minas Gerais para o Ensino Médio.

Com relação ao Eixo Temático Esporte, foco deste estudo, os CBC's concordam também com outros normativos e traz a seguinte consideração sobre este tema.

Para ser entendido como prática educativa escolar, o esporte precisa, portanto, ser situado histórica e socialmente e vivenciado criticamente a partir da compreensão de seus fundamentos e da resignificação de seus sentidos e significados. Além disso, é preciso conhecer os benefícios e riscos das diferentes práticas esportivas, bem como analisar os valores que as orientam. (CBC, 2011, p.37)

## 2.2 Esporte na escola

Com o surgimento dos movimentos renovadores, a crítica sobre o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar levou a inúmeras teorias e metodologias assim como as descritas neste capítulo, mas uma expressão utilizada por Bracht (1992) E pelo Coletivo de Autores (1992) marcou, para nós, essa

discussão sobre o ensino dos esportes. A expressão é “Esporte na Escola e Esporte da Escola.

O espaço acadêmico é lugar de debates, troca de conhecimentos, ensinamentos e, principalmente, relações interpessoais e neste programa de mestrado não foi diferente. Estranho começar assim um texto sobre esporte? Pode ser, mas na verdade o que inspirou a escrita deste tópico foi exatamente um debate dentro de uma das aulas do Mestrado Acadêmico e Educação Física Escolar em Rede Nacional - PROEF.

Nesse debate, falávamos sobre metodologias do ensino do esporte, no contexto de uma aula sobre planejamentos, quando ocorreu a discussão sobre o ensino do esporte voltado para o alto rendimento e o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar, dentre essas abordagens, ocorreu também o tema Jogo Escolares.

Nesse momento, a expressão “Esporte na Escola e Esporte da Escola” surgiu no debate e nos trouxe uma inquietação diante do exposto.

Mesmo sabendo que no contexto escolar o ensino do esporte deva ser pautado exatamente no que pensamos sobre o “Esporte da Escola”, ou seja, um esporte característico com objetivos voltados para o espectro educacional em detrimento aos objetivos do “Esporte na Escola” que prezam pelo ensino do esporte que é praticado no alto rendimento dentro da escola houve uma indagação, que exatamente inspirou a escrita deste tópico.

Esporte na Escola e Esporte da Escola há espaço para os dois?

Vamos aqui, de forma breve, discutir o tema e defender o ponto de vista do pesquisador, cuja resposta é positiva à questão proposta.

A discussão frente à máxima verdadeira da diferença entre o esporte na escola e o esporte da escola é intensa, e apoiada em vários estudos como os de Bracht (1997), Vago (1996), Betti (1999). É também geradora de outros estudos que deram luz ao pensamento de modo que possibilite refletir sobre o conteúdo Esporte.

Neste subcapítulo, pretende-se fazer uma provocação sobre a ocupação comungada do esporte de forma mais institucionalizada (na escola) e do esporte

criado, recriado e transformado nas aulas (da escola), ambos fazendo o papel educacional na formação integral do educando.

Para melhor entendimento desta questão e da expressão aqui tomada para o debate, apresentaremos dois momentos importantes em que foram utilizadas.

Bracht (1997), na segunda edição de seu livro Educação Física e Aprendizagem Social, discute a influência da presença das instituições militares e esportivas e neste descreve que,

Mais uma vez a Educação Física assume os códigos de outra instituição, e, **de tal forma, que temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na Escola** (grifo nosso), o que indica sua subordinação aos códigos/sentido da instituição esportiva. O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. (BRACHT, 1997, p. 22)

Remetemos também ao Coletivo de Autores (2012), na sua obra Metodologia do Ensino da Educação Física, 1ª edição em 1992, na qual *“remete ao esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal”* sendo considerado fenômeno com sentidos e significados, sendo assim deve ser sistematizado e analisado de forma que privilegie o esporte “da” escola e não o esporte “na” escola.

Analisando as proposições de Bracht (1997) e do Coletivo de Autores (2012) podemos concluir que no âmbito da Educação Física escolar, em determinado tempo de nossa história não existia o Esporte da Escola e sim o Esporte na Escola, levando-nos às prerrogativas de Vago (1996) que em seu artigo encontra paradoxos nessa relação entre o esporte na escola e o esporte da escola.

Não se questiona aqui o fato de o esporte ter se desenvolvido mundialmente a ponto de ser transformado em elemento da cultura de movimento. Esse é mesmo um fato histórico. Que o esporte tenha influenciado a educação física e transformado no seu principal (ou até único) conteúdo de ensino na escola nos últimos 50 anos, disso também não se discorda.

As questões que coloco para este diálogo são estas: a educação física na escola tem sido mesmo apenas e tão somente um veículo de transmissão/reprodução do esporte, com os códigos do esporte de rendimento citados por Bracht? Ou, de outra forma: a escola não possui e nem sequer desenvolveu nenhuma forma de autonomia para por intermédio da educação física (mas também de outros tempos e espaços educativos),

ensinar o esporte por seus próprios códigos/normas/critérios? (VAGO, 2012, p. 139)

Outra questão que podemos colocar neste debate, de acordo com Vago (1996): é possível existir um Esporte da Escola sem a presença do Esporte na Escola?

Concordo com o posicionamento de Vago e corroboro com seu pensamento dizendo ser importante também o ensino do “esporte na Escola”, essa relação e como Vago diz “*tensão permanente*” tem que existir. Um não existe sem o outro.

Retomando a nossa questão inicial, poderiam essas duas proposições caminhar juntas dentro das aulas de educação física? Para responder, parcialmente, a essa pergunta, me remeto à GAYA (2014) que em seu estudo classifica os professores em três categorias quanto a sua forma de ensinar, professor generalista, professor especialista e professor generalista instruído, este último tendo a capacidade de juntar as partes em um todo, ou seja, transitar pelas várias ciências do esporte com um único objetivo que seria o ensino dos esportes aos educandos.

Mesmo parecendo descontextualizada, essa discussão faz parte do processo de construção deste estudo e da unidade didática proposta no próximo capítulo. O objetivo era que em breves palavras pudéssemos, embasados em autores especialistas no tema, expor nossa posição.

Acreditamos que o ensino do esporte na escola não pode restringir um movimento de outro, assim como Greco (2010) contribui com sua crítica na divisão das metodologias humanistas e tecnicistas, na qual uma pretende ser mais verdadeira que outra, assim como também não devemos ser radicais em negar o que hoje a escola produz e chama de esporte “da escola” e também restringir a presença do esporte de rendimento “na escola”. Os dois devem coexistir para melhor ser desenvolvido o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar.

### 2.2.1 A didática da educação física e a pedagogia do esporte

Aqui apresentaremos algumas das teorias e discussões mais relevantes dentro da pedagogia do esporte e da didática da educação física. Teorias que para

mim se complementam e buscam sempre um objetivo comum, uma resignificação no ensino do esporte, dentro e/ou fora das escolas. Tomaremos como base epistemológica as pedagogias críticas e também as didáticas propostas para tornar essas pedagogias exequíveis.

Em dado momento de minha experiência docente, questioneei sobre os conceitos e significados dos termos pedagogia e didática e por vezes até rechacei sua importância em minhas aulas. Por isso então acredito ser relevante, mesmo que simbolicamente, iniciar este capítulo com uma definição de Libâneo (1994) sobre essa diferença.

A ciência que investiga a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática social global é a Pedagogia. Sendo a didática uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais, ela se fundamenta na Pedagogia; é assim, uma disciplina pedagógica. (LIBÂNEO, 1994, p. 16)

E o porquê de discutirmos neste capítulo a didática da Educação Física (EFI) escolar e a pedagogia do esporte, pois é justamente o objeto deste estudo ser o ensino do esporte nas aulas de educação física escolar, do esporte como fenômeno tão discutido em várias áreas e pouco pensado como fenômeno em si.

As pedagogias do esporte, que veremos presentes neste texto e a didática da educação física escolar, por alguns anos, viveram distantes uma da outra, como se referem bem Gonzalez e Fensterseifer (2010), quando refletem a questão da Educação Física escolar estar entre o “não mais e o ainda não”, nesse aspecto as pedagogias críticas apontam o que não trabalhar, mas a didática se distancia do que se deve trabalhar, gerando assim certo espontaneísmo e, mesmo passados quase 10 anos da escrita deste artigo, ao menos para mim, ainda parece uma prática comum nas aulas de educação física escolar.

Por anos, as pedagogias críticas traçaram e indicaram novos olhares para a Educação Física escolar, através do movimento renovador que iniciara nos anos 80, a partir desse movimento as aulas passaram a ser percebidas e criticadas pelas didáticas empregadas. Muito foram os assuntos discutidos como a elaboração dos currículos, tratamento didático-pedagógico dos conteúdos, objetivos e finalidades da

educação física na escola, mas o que mais chamou atenção foi a crítica ao tratamento pedagógico que era (e ainda é em alguns casos) no conteúdo Esporte.

Para compreender o que são e como surgiram as pedagogias críticas é necessário aprofundarmos e adentrarmos aos primórdios da Educação Física Escolar, para isso lançaremos mão de uma síntese da história baseada no Coletivo de Autores (2012).

De acordo com o Coletivo de Autores, a Educação Física chega ao ambiente escolar no final do século XVIII e início do século XIX na forma de exercícios físicos, ginástica, dança e equitação, nesse mesmo espaço de tempo constituiu-se também a formação de uma nova sociedade, a sociedade capitalista.

Essa nova sociedade daria grande importância aos exercícios físicos, por consequência a Educação Física, uma vez que uma de suas ideologias era tornar o homem mais forte, mais ágil e mais empreendedor.

Ainda segundo os autores “a força física, a energia física, transformava-se em força de trabalho e era vendida como mais uma mercadoria”, os exercícios físicos passaram então a ser entendidos como “receita e remédio” pois poderia tornar o corpo mais saudável, ágil e disciplinado assim como queria a sociedade capitalista.

Assim sendo, era mais do que importante inserir os exercícios físicos nos currículos escolares, e assim foi feito.

A preocupação com a inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares remonta ao século XVIII com Guths Muths (1712 – 1838), J.B. Basedown (1723 – 1790), J.J. Rousseau (1712 – 1778) e Pestalozzi (1746 – 1827). Contribuiu para essa inclusão o surgimento, na Alemanha, das escolas de Ginástica (Turnvereine) já no século XIX. (Langlade e Langlade, 1970: 17 – 31, citado em Coletivo de autores, 2012, p.51)

Surgem, então, os primeiros modelos sistematizados de exercícios físicos, os métodos ginásticos, tendo agora dentro da escola um papel muito importante de aprimoramento físico dos indivíduos que “fortalecidos pelo exercício físico, que em si gera saúde estariam aptos para contribuir com a grandeza das indústrias”.

Nesse tempo, a Educação Física era caracterizada como Higienista por ter como objetivo maior a manutenção dos corpos saudáveis e aptos para a labuta diária nas grandes indústrias, era em sua grande parte planejada por médicos higienistas e ministrada por instrutores físicos do exército.

As aulas de educação física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. Esse fato é a base da construção da identidade pedagógica da Educação Física escolar, calcada nas normas e valores próprios da instituição militar. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.53)

Ainda de acordo com os autores, a Educação Física escolar chegou às primeiras décadas do século XX com forte influência dos métodos ginásticos e do militarismo, com destaque: “o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo.”

Durante esse período, a Educação Física escolar era caracterizada como atividade totalmente prática, o que se assemelharia com a instrução militar. Filas, voz de comando e movimentos coordenados eram característicos desse método.

Após a segunda guerra mundial que também divide o espaço de tempo com o fim da ditadura militar no Brasil, começam a aparecer outras tendências com o objetivo de quebrar a hegemonia militarista nas escolas, em destaque temos o Método da Educação Física Desportiva Generalizada com ênfase no esporte e o Método Natural Austríaco pautado nas premissas da Ginástica Natural.

O primeiro método, com forte influência do esporte, foi rapidamente tomando espaço nas escolas pelo mundo todo, sua relevância foi tão grande que até hoje se enxerga vestígios de tal método no chão de algumas escolas pelo País.

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola e sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 53)

Essa esportivização da educação física escolar começou a fazer parte da Educação Física com importância absurda, levando-se por hora a confundir-se o esporte e as aulas de Educação Física escolar. O ensino do esporte na escola passa então a se assemelhar com o ensino praticado nos clubes desportivos, era a iniciação desportiva, base de uma pirâmide de treinamento esportivo que visava à formação de novos atletas.

Essa prática de seleção sempre beneficiava os mais aptos, mais fortes e habilidosos. Como as aulas de Educação Física eram sempre no contraturno do horário escolar, as dispensas eram muito frequentes, por vários motivos como: residir longe da escola, atestados médicos que na verdade serviam apenas como “bode expiatório” para uma seleção que segregava os menos aptos e privilegiava os mais talentosos.

Quando falamos nesse espaço de tempo, não podemos nos ater a um passado longínquo, até alguns anos atrás eram assim as aulas de Educação Física, e ainda são em algumas escolas, principalmente as mais tradicionais e geralmente privadas.

Esse breve histórico da Educação Física nos serve para direcionar o principal objetivo deste texto que é entender as pedagogias críticas a partir dos motivos do seu surgimento e sua historicidade.

Nas décadas de 70 e 80, começaram a surgir os movimentos “renovadores”, que objetivavam oferecer algo mais para as aulas de Educação Física que deveria ir além da prática pela prática, abandonar, em partes, o sentido puramente mecanicista das aulas de Educação Física escolar.

Pode ser entendido como um movimento de caráter “inflexor”, dado ter representado um forte e inédito esforço de reordenação dos pressupostos orientadores da Educação Física, como, por exemplo, “colocar em xeque”, de maneira mais intensa e sistemática, os paradigmas da aptidão física e esportiva que sustentavam a prática pedagógica nos pátios das escolas. (MACHADO e BRACHT, 2016, p. 850)

O surgimento do movimento renovador foi decisivo para alavancar as teorias críticas, tratadas neste texto também como pedagogias críticas, muitas abordagens começaram a ser discutidas e executadas nas aulas de Educação Física escolar, algumas perduram até hoje, mas a maioria não é inteiramente aproveitada. Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), ao meu entender, fora uma coletânea de várias dessas abordagens, que não apresentamos aqui, mas que possui uma vasta literatura sobre, e daí para frente não somente em documentos oficiais, mas principalmente na área da pesquisa acadêmica são recheados de pedagogias, teorias e didáticas críticas que, hoje, orientam o trabalho do professor de Educação Física escolar.



Neste texto, abordaremos, de acordo com o tema do estudo, as pedagogias e as voltadas para o ensino do esporte, e é o que veremos mais adiante neste mesmo texto.

Retomando a González e a Feinsterseifer (2010), cuja percepção é que, mesmo com a presença forte das pedagogias críticas no discurso sobre educação física escolar, a prática ainda estava muito distante do discurso. Essas mudanças propostas ainda não chegavam maciçamente onde mais interessava, no chão da escola.

Pensando ainda, nesse distanciamento entre as pedagogias e a didática, discutiremos à luz dos autores que ultimamente trazem à baila essa questão e, também, daqueles que em um passado bem próximo haviam escrito sobre os temas.

Começaremos com Gallatti (2006) que baseada nos preceitos de Bento (1999) entende que

Ao aproximarem a Pedagogia ao Esporte, os autores têm expandido a pedagogia para além das questões metodológicas, avançando também para procedimentos pedagógicos ao longo da prática. Notamos que para lidar com os desafios que o trato com o esporte apresenta de forma clara e para trabalhar o esporte em sua totalidade alguns autores têm discutido aspectos que sinalizam para novos procedimentos pertinentes à Pedagogia do Esporte. (GALATTI, 2006, p. 36)

A autora revela avanços ao trazer a pedagogia para a prática de ensino dos esportes, mudanças no trato com o conhecimento e com o ensino, que possam fazer com que o esporte seja visto em sua totalidade, não apenas como fragmentos de um conhecimento.

Trabalhar baseado nas pedagogias críticas do esporte é ressignificar a importância deste conteúdo, não valorizar mais do que já é valorizado, mas sim dar mais vida e aproximar o ensino do esporte, também na escola, para todos e não somente para os mais aptos.

É senso comum dizer que a forma de se ensinar o esporte na escola precisa ser repensada, como diz GALATTI (2006),

...da mesma forma que o esporte pode ser ensinado à luz de uma pedagogia que prime pelo ser humano melhor, que busca superar limites, que reconheça suas imperfeições, que preocupa-se com a ética e fraternidade, o esporte também pode ser o palco para a formação de homens egoístas, antiéticos, que pautam a sua vida em valores individuais,

sem preocupar-se em engrandecer-se moralmente e socialmente. Por isso a necessidade e relevância de que os estudos em Pedagogia do Esporte se renovem. (GALATTI, 2006, p. 35)

Ainda sobre o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar Galatti também pensa que

...ao considerar seu objeto de estudo – o Esporte – um fenômeno sociocultural passível de diferentes manifestações e múltiplos significados, faz necessária a construção do conhecimento de forma transdisciplinar, ou seja, recebendo a colaboração de diversas disciplinas e de conhecimentos que estão além e/ou entre as disciplinas na abordagem de um objeto comum. (GALATTI, 2006, p. 38)

Entendendo a magnitude do fenômeno esporte dentro da sociedade, a autora infere que tal conteúdo poderia ser tema de outra disciplina, assim como podemos perceber conteúdos de outras disciplinas sendo trabalhadas pela própria Educação Física. Temas como o Lazer que podem ser discutidos dentro das aulas de Geografia, Língua Portuguesa e da própria Educação Física de forma transdisciplinar.

Gaya (2014, p. 95-96) entende que a transdisciplinaridade seja um caminho para a mudança da didática do esporte, uma vez que buscamos em outras ciências, meios de se trabalhar com nosso conteúdo (Esporte), concluindo que os conhecimentos de pesquisadores e professores “não podem limitar-se ao modelo disciplinar da ciência hegemônica”.

O trato pedagógico do esporte perpassa o âmbito da Educação Física, assim como afirmam Galatti e Gaya, o fenômeno esportivo é e deve sempre ser área de estudo de todas as disciplinas do currículo, pois o mesmo transcende as linhas das quadras, campos e espaços abertos para a prática.

Uma vez que, como já discutido anteriormente, o fenômeno esportivo tem fortes ligações com e no contexto social de alunos, professores e comunidade escolar nos âmbitos sociais, econômicos, político, esse fenômeno deve ser tratado pedagogicamente, principalmente no Ensino Médio, levando em consideração a sua amplitude.

Alinhado também ao sentido da ressignificação do esporte, ou seja, do ensino do esporte nas escolas Kunz em seu livro “Transformação didático-pedagógica do esporte, cujo a primeira edição foi lançada em 1996 e sua 8ª edição no ano de 2016

(edição usada para este estudo), o autor refletindo sobre os 20 anos do então lançamento de seu livro retrata que,

Esta obra trata da reinvenção do esporte olímpico e tradicionalmente conhecido e divulgado pela mídia por meio de uma “transformação didático-pedagógica” do mesmo, para que sirva melhor aos propósitos pedagógicos da escola, conforme as mais modernas pedagogias em curso. (KUNZ, 2016 p. 13)

Essa transformação proposta pelo autor passa por uma mudança nas didáticas propostas nas aulas, extrapola os sentidos mecanicistas do fazer pelo fazer e passa a sugerir encenações esportivas correlacionadas com o contexto no qual o esporte é praticado, ou seja, uma didática que leve em consideração a comunidade escolar e os seus agentes, suas particularidades e características.

O futebol ensinado em uma escola de zona rural, por exemplo, necessita não ser apresentado apenas como o futebol que todos em geral praticam e assistem. Ele tem suas características próprias, sua historicidade e finalidades. O esporte que é praticado, por exemplo, em terreiros de café não pode ser considerado como o esporte praticado em uma escolinha do centro da cidade. E é essa bagagem cultural enraizada em cada local onde o esporte é praticado que devem fazer parte das encenações propostas pelo autor.

A respeito das encenações esportivas Kunz descreve que:

Nesse espaço pedagógico o profissional da educação física deve propiciar, pela historicidade de seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das encenações esportivas. Sua intencionalidade pedagógica específica não é apenas auxiliar o aluno a melhor organizar e praticar o seu esporte, ou seja, encenar o esporte de forma que ele possa participar com autonomia, mas é acima de tudo uma tarefa de reflexão crítica sobre todas as formas de encenação esportiva. Isto para ser coerente com a proposta pedagógica crítico-emancipatória. (KUNZ, 2016 p.76)

Ainda nesta obra o autor dá pistas de como descobrir se as formas de encenação esportivas são relevantes para os diferentes contextos e descreve que para isso deve-se levar em consideração:

O sujeito, ator ou atores, da encenação esportiva; de acordo com as suas vivências e experiências de corpo e movimento;  
O mundo do movimento e dos esportes que pela encenação precisa ser criticamente compreendido;  
As diferentes modalidades de encenações do esporte no sentido histórico e sociocultural;

O sentido/significado como determinação normativa, que indicam as “pretensões de validade” para cada encenação esportiva; (KUNZ, 2016 p.77)

Uma ressignificação do ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar e, também, porque não dizer dentro da escola, já que o mesmo, como já citado, pode ser objeto de estudo de outras disciplinas, se fez necessária há mais de vinte anos e ainda hoje é assunto relevante em face da realidade de muitas escolas e práticas docentes encontradas Brasil a fora.

Mas tal movimento de mudança também não significa a negação total do que se é praticado. Existe grande relevância no ensino das técnicas, táticas e regras. Há pedagogias críticas, também, a meu ver, que ressignificaram a forma de ensinar, por exemplo, os fundamentos do voleibol. Estratégias didáticas que possibilitam com mais facilidade o ensino das táticas e regras de cada modalidade esportiva. E veremos algumas dessas pedagogias ainda neste capítulo.

Faço essa ressalva exatamente para que a leitura deste texto não se encaminhe para uma negação total ou crucificação do que já é trabalhado, pois entendo que a mudança no ensino do esporte, no que diz respeito a este estudo, não seja de uma pedagogia contra a outra e sim da soma de vários fatores que deram e dão certo, esperando que o modo de pensar o ensino do esporte pelo pesquisador seja também útil para futuros professores e pesquisadores.

Retomando a Kunz que, mesmo junto com os vários autores aqui já descritos e que serão descritos posteriormente, é uma grande inspiração tanto para a escrita quanto para a elaboração do produto final deste estudo, mas agora em outra obra escrita juntamente com Costa (KUNZ E COSTA, 2016). Os autores novamente julgam necessárias as mudanças e refletem que,

É necessário aprofundar mais algumas análises do esporte, não apenas para propor mudanças na sua prática, mas até mesmo para uma maior vigilância no seu desenvolvimento em âmbitos que não visam ao rendimento máximo e à competição como única finalidade. (KUNZ e COSTA, 2016 p. 19)

Os autores também entendem que além das mudanças na didática do esporte, também é preciso “*desconstruir perspectivas consolidadas*”, pensamentos hipostasiados de sucesso para os mais aptos. Ora, quem já não ouviu de algum

aluno aquela máxima de que não precisa estudar, pois será jogador de futebol? Dentro das aulas de Educação Física escolar também se faz necessário abordar temas como esse, levar aos alunos à realidade dos jogadores profissionais. Muitos querem, mas são poucos os que conseguem, e nem sempre somente o talento é levado em consideração.

Contribuindo, ainda, com esse pensamento, e também em livro organizado por Kunz, temos as premissas feitas por Pires e Neves (2017) quando discorrem sobre o tratamento pedagógico do esporte e a formação em Educação Física, evidenciando a importância social do esporte quando nos diz que,

Na sociedade contemporânea, uma manifestação específica da cultura de movimento vem se constituindo na sua face mais visível e principal referência, seja enquanto prática corporal propriamente dita seja pelos princípios e valores que expressa e ajuda a consolidar. Obviamente que estamos nos referindo ao esporte, essa instituição social que já foi considerada o maior fenômeno cultural do século 20 e que seguramente, tende a se tornar ainda mais importante em vista das múltiplas possibilidades para a sua difusão, espetacularização e consumo simbólico em âmbito global, a partir do advento das novas tecnologias a serviço dos meios de comunicação de massa. (PIRES e NEVES, 2017 p. 53)

Tendo como base a importância do esporte na sociedade descrita pelos autores acima, eles também comungam com a ideia de uma transformação didática no ensino do esporte e colaboram assim com nosso pensamento.

Compreender a constituição cultural do esporte e suas constantes transformações exige bem mais do que um currículo que priorize a dimensão técnica ou, ainda pior, limite-se a ela. Assim, como principal problema a ser enfrentado, na perspectiva de uma formação acadêmica que proporcione o desenvolvimento das competências necessárias para o trato emancipado/emancipatório dos conhecimentos da cultura corporal de movimento. (PIRES e NEVES, 2017 p. 58)

Parece perceptível, até aqui, que uma das maiores intenções deste estudo é abordar os conhecimentos além da técnica, temos a intenção de mostrar de forma mais enfática os conhecimentos conceituais e críticos do conteúdo esporte e mais uma vez frisar que não se trata da negação do ensino das técnicas e táticas, o que podemos chamar de lógica interna do esporte, pois as consideramos as essenciais, também, para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar.

Voltando aos conhecimentos conceituais e críticos, remeteremos a dois autores que abordaram tais conhecimentos de uma forma bem contundente e clara,

da mesma maneira que pretendemos mostrar neste estudo, propondo unidades didáticas.

González e Fraga (2012 p.84) propuseram uma unidade didática para o ensino do futebol que abordasse os conceitos corporais, conceituais e críticos da modalidade. E ao falar destes últimos dois conhecimentos, os autores entendem que um dos componentes importantes dos saberes conceituais são, também, os conhecimentos críticos. Mas para isso não basta apenas ter informações sobre o esporte, uma vez que essas informações estão sempre disponíveis, mas nem sempre são tratadas de forma crítica. Questões como a ligação da origem do nosso futebol com o rugby, o fato de este nos Estados Unidos ser praticado majoritariamente por mulheres, a relação do futebol com a economia, com os sentimentos pessoais, com a cultura, todos esses fatores (temas) podem ser trabalhados dentro das aulas de Educação Física escolar com a devida atenção.

Essas e outras perguntas podem ser feitas, não só com o tema Futebol, mas com todas as modalidades esportivas. A força do futebol no Brasil é incontestável, porém esse mesmo fenômeno acontece em outros países com outras modalidades esportivas como nos Estados Unidos e sua relação com o Basquete e o Futebol Americano, como na Polônia com o Voleibol.

Significa, portanto, que se o tema desta UD fosse o esporte como fenômeno em si e não modalidades esportivas isoladas, as perguntas seriam diferentes, mas os objetivos seriam os mesmos, desenvolver os conhecimentos conceituais e críticos sobre o tema.

González e Fraga (2012 p.88) citam também estratégias para mobilizar tais conhecimentos conceituais e críticos como exemplo: “localizar culturalmente o futebol”, “identificar locais disponíveis no bairro e materiais necessários para a prática” e como estratégias elaborar mapas das características dos grupos sociais, organizar fichas com a origem das práticas corporais e fazer um cadastro dos lugares públicos disponíveis para realizar práticas corporais. Dessa forma contextualiza o esporte, neste caso o futebol, com as demandas sociais, políticas e

econômicas do local onde se pratica assim como exposto e já citado neste texto por Kunz.

Carlan (2018) é outro autor que se aproxima do pensamento crítico dos demais autores citados acima, e também concorda que ao longo desses mais de vinte anos do movimento renovador na Educação Física escolar ainda há um hiato entre o discurso e a prática. O autor considera que o esporte, atualmente, deve ser pensado de forma diferente, fora do âmbito apenas tecnicista do alto rendimento.

Atualmente o debate acerca do esporte na Educação Física Escolar recoloca-o como fenômeno social, plural e multifacetado, enquanto as práticas esportivas deixam de ser analisadas de uma forma homogênea e passam a ser consideradas valores presentes e veiculadas por diferentes grupos de um mesmo contexto social, mas numa dimensão plural. (CARLAN, 2018 p. 32)

Ferreira (2018) nos traz uma situação muito interessante, que por vezes acontece nas aulas de Educação Física escolar. Ao discutir sobre o ensino dos saberes conceituais em sua dissertação de mestrado questiona os dois lados da moeda, ou seja, professores que ao ensinar o esporte nas aulas de Educação Física escolar prezam apenas pelo ensino de gestos técnicos e outros professores que entendem que apenas conhecer o esporte já seria o suficiente para os alunos. O autor entende que o uso de somente uma das duas metodologias seria pouco para o infinito de possibilidades que o esporte pode oferecer.

Para apoiar seu argumento, Ferreira (2018) lançou mão dos preceitos de Parlebas e seu conceito apresentado na década de 60, a Praxiologia Motriz, que também será apresentada ainda neste capítulo. Sinteticamente podemos dizer que o entendimento de que vários conhecimentos podem e devem ser trabalhados ao ensinar o Esporte na Educação Física escolar sem abrir mão de um conhecimento para o outro, dando espaço para os conhecimentos críticos, corporais e conceituais.

Sobre a Praxiologia Motriz, aqui sem muito aprofundamento, nos remeteremos a Ribas (2017) que inicialmente já afirma não ser a praxiologia motriz uma abordagem da Educação Física e que também *“não se caracteriza como uma metodologia de ensino, mas sim como um conhecimento científico”*. Para o autor, e seus colaboradores a Praxiologia Motriz é entendida como *“uma disciplina científica*

geradora de uma área do conhecimento específica, que se dedica a desvelar a lógica interna das distintas manifestações corporais do âmbito da educação física”. E completa afirmando que a praxiologia motriz é a “disciplina que estuda a lógica interna dos jogos e esportes a partir das regras do seu funcionamento”. (RIBAS, 201, p. 20-21)

Mesmo não sendo considerada, pelos seus autores e colaboradores, como uma pedagogia ou uma metodologia de ensino, a praxiologia motriz traz conhecimentos fundamentais para o ensino dos esportes nas escolas.

Em outro artigo sobre o mesmo tema, Ribas (2005) traz conceitos da praxiologia motriz e também da sua relevância com o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.

Quando assistimos a uma partida de futebol, não estamos vendo somente vinte jogadores tentando fazer o gol e defendendo o seu território e dois goleiros evitando que o adversário faça o gol. Existe um sentido para tudo isso, um significado, intenção, filosofia de jogo, um motivo para a competição, história dos jogadores, enfim, uma série de fatos que dão significados a essas ações (...). As ações de jogo carregadas de significados são entendidas por Parlebas como condutas motrizes. (RIBAS, 2005, p. 104)

Mesmo não sendo, como já descrito acima, uma metodologia, a praxiologia motriz é parte fundamental deste trabalho, pois a partir do estudo das lógicas (interna e externa) baseadas na praxiologia motriz foram elaboradas as aulas da unidade didática proposta aqui.

Sobre lógicas interna e externa, González (2006, p.90) *apud* Barroso e Souza Júnior (2017, p. 256) define a lógica externa como as características e/ou significados que uma prática esportiva apresenta em um determinado contexto histórico ou cultural e a lógica interna como as características de desempenho exigido em situações motoras criadas pelos diferentes esportes.

Barroso e Souza Júnior (2017) ainda complementam assim:

A lógica externa propicia ao aluno a reflexão das relações do esporte com determinados aspectos da sociedade. Aqui dadas questões como ética entre os atletas, o consumo de marcas esportivas influenciadas pelos atletas renomados, os altos contratos de jogadores de futebol em detrimento a outros sem grande expressão (...) já a lógica interna possibilita a organização das modalidades esportivas em categorias, de acordo com o estabelecimento de critérios predefinidos. (BARROSO e SOUZA JÚNIOR, 2017, p. 256-257)



Torna-se muito interessante o emprego da praxiologia motriz e seu conceito sobre as lógicas do esporte, uma vez que abrange vários aspectos do fenômeno esportivo. Dentre todas as teorias, pedagogias e didáticas descritas acredito que esta sirva como um ponto de equilíbrio entre todas.

Podemos observar até aqui, que todos os autores, já citados neste capítulo, preocupam-se com o ensino do esporte em suas várias vertentes, não se limitando apenas em criticar a técnica e prezar por fatores “extra campo<sup>2</sup>”, mas buscando sempre um equilíbrio entre todos esses fatores.

Relevantes então são essas teorias, pois apresentam de forma sistemática visões diversas sobre o tratamento pedagógico do esporte na escola e coadunam com a ideia de ensinar também os saberes conceituais relacionados às lógicas interna e externa das modalidades esportivas.

Cabe ressaltar que os autores elencados não são os únicos a defender tal pedagogia, logicamente que existem inúmeras obras que seguem pelo mesmo caminho. Outros autores que não foram citados neste capítulo, mas que estão presentes neste estudo e são sumamente importantes para o desenvolvimento deste são os integrantes deste Coletivo de Autores (2012); Galvão, Rodrigues e Silva (2015); Darido (2015); Barroso (2018); Rangel-Betti (1999) que se fazem presente anteriormente quando fora discutido o esporte no segmento do Ensino Médio.

Porém, existem também pedagogias e autores críticos, que em seu interior prevalece o ensino das técnicas, táticas e regras do jogo. São pedagogias e metodologias que também são críticas pois rompem com a barreira do mecanicismo e da repetição exacerbada de movimentos, propondo sempre formas diferentes, lúdicas, interessantes e mais eficazes para o ensino do esporte dentro de sua perspectiva e assim como as teorias críticas já citadas nesse capítulo são também de extrema importância para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar.

---

<sup>2</sup> Entendo, nesta parte do texto, como fatores extra campo os pautados na lógica externa do esporte, ou seja, as relações com outros fatores da sociedade, como cultura, economia, política.

Nessa linha, começaremos com Greco e Fernández (2012) que enxergam no ensino do esporte uma enorme potencialidade pedagógica e mesmo encaminhando seu trabalho para o viés da lógica interna do esporte, compreendem a importância dos outros aspectos relacionados à lógica externa do esporte.

O esporte tem, no entanto, particularmente para nós professores, enorme potencialidade pedagógica. Sua prática dá a oportunidade a seu mais prezado dom: as opções pedagógicas. Aproveitando as opções pedagógicas que se apresentam na prática ou em situações criadas pelo professor, o esporte desenvolve o conhecimento da pessoa em relação aos outros e permite que ela se conheça. No esporte, a pessoa desenvolve suas capacidades, habilidades, competências. A práxis solicita comportamento, atitudes, valores, ética, moral, ou seja, aspectos de personalidade que contribuem para formar o conceito de cidadania. Por meio da prática do esporte, a pessoa aprende a ser, a conhecer, a fazer, a conviver, em síntese, aprende-se a aprender para ser um cidadão ativo e compreender o seu destino. (Greco e Fernández, 2012, p. 21)

Nesta obra, em que os autores descrevem suas metodologias apenas para o ensino da modalidade handebol, eles prezam pelo bom encaminhamento no processo de ensino-aprendizagem-treinamento (E-A-T), que segundo Bibbó e Silva (2016 p. 103) “se fundamentam basicamente em duas concepções: Métodos tradicionais e Novas Abordagens”. As autoras também definem o que são os Métodos Tradicionais e as Novas Abordagens, o primeiro como um processo de aprendizado intencional, totalmente voltado para a técnica e tendo a interferência direta do professor nas ações do aluno, esses métodos seriam: método analítico; o global funciona e o misto. Já as Novas Abordagens preconizam as experiências vividas pelos alunos e seus interesses, respeitando o contexto em que cada um se insere e também a individualidade, os principais métodos caracterizados pelas novas abordagens seriam: O Desenvolvimentista; Teaching Games for Understanding (TGfU); o situacional e o recreativo.

Em leitura mais aprofundada, podemos perceber sempre a crítica sobre os métodos antigos, que preconizam a prática pela prática, o fazer sem contextualização. Quando se ensina esporte, seja dentro ou fora do ambiente escolar, seja para o ensino da técnica, da tática e regras, seja pelo ensino da história de cada modalidade e/ou pela história do próprio fenômeno esportivo é de suma

importância que esse processo de ensino-aprendizagem reverbere o caráter crítico e cognitivo dos alunos, respeitando o contexto físico, social, cultural de cada um.

Como já anunciado, veremos e já começamos a ver, metodologias e pedagogias do esporte que têm seu caráter mais voltado para o ensino das técnicas e táticas dos esportes, mas sempre com ênfase na crítica. Não que os primeiros autores aqui apresentados não preconizem a lógica interna dos esportes, mas os que serão apresentados têm notoriamente uma ênfase maior nesse âmbito do ensino dos esportes.

Vários autores já escreveram sobre este tema, porém a obra que mais chamou atenção deste pesquisador foi a “Pedagogia do Esporte – Jogos coletivos de invasão” dos autores Riller Silva Reverdito e Alcides José Scaglia (2010). Nessa obra, os autores trazem de forma esplendorosa, além dos seus próprios pressupostos didático-metodológicos, um apanhado de teorias que basearam seus estudos e apontamentos.

Assim sendo, nos debruçaremos nessa obra com o intuito de apresentar sinteticamente os pressupostos dos autores supracitados e seus apontamentos sobre algumas das teorias e autores descritos em seu livro, tais como Paes, Balbino, Greco, Benda, Kröger e Roth.

Paes e Balbino (2005) apud Reverdito e Scaglia (2010) sobre o ensino dos esportes pensam que,

Quando reconhecemos o esporte como com um fenômeno de ordem sociocultural, estamos dizendo que ele é uma resultante de relações, interações e manifestações intrínsecas (desejo, fantasia, simbolismos etc.) do ser humano – atividade humana – estabelecidas e transformadas ao longo de sua existência. Quando o percebemos a partir do sujeito, estamos possibilitando-o como prática sistematizada e organizada pelo indivíduo culturalmente objetivando potencializar o seu desenvolvimento por meio de um processo de transmissão e assimilação de conhecimento, portanto uma ação pedagógica, uma possibilidade do ato de “pedagogizar o fenômeno esporte”, ou seja, uma prática educativa. (PAES e BALBINO, 2005, p.17).

Assim como todos os autores de pedagogias críticas, Paes também entende a necessidade de novos olhares para o ensino dos esportes. Suas críticas apontam para o rompimento com as propostas reducionistas e principalmente com a iniciação esportiva precoce.

Para Scaglia e Reverdito (2010), Paes entende que alguns aspectos devem ser levados em consideração: a compreensão do esporte como fenômeno, a organização dele enquanto conteúdo escolar e o respeito pelos respectivos níveis de ensino, finalizando com a diversidade de possibilidades que o ensino dos esportes pode propiciar a alunos e, porque não, aos professores também.

Como proposta metodológica, Paes colabora com o que chama de “Jogo Possível” ou Jogos pré-desportivos como conhecemos. Nessa proposta, o autor enxerga a possibilidade de se ensinar gestos técnicos e noções táticas através de jogos reduzidos com o caráter mais lúdico, os autores citam Paes (2001) para corroborarem seu pensamento.

Para nós, o jogo possível possibilita o resgate da cultura infantil no processo pedagógico de ensino do esporte, tornando seu aprendizado uma atividade prazerosa e eficiente no que diz respeito à aquisição das habilidades básicas e específicas. (PAES, 2001, p. 94)

Ainda na visão de Reverdito e Scaglia (2010), eles concordam que Balbino (2001, 2002 e 2005) segue os mesmos preceitos de Paes ao pensar sobre o ensino dos esportes, Balbino constrói sua proposta pedagógica baseada em uma abordagem sistêmica dos Jogos Desportos Coletivos (JDC) com relações e interações entre os indivíduos e entre os indivíduos e o mundo, o autor referencia sua pedagogia sob a lógica das inteligências múltiplas.

Nesse sentido, o esporte se apresenta como “*construtor de valores*” e comportamentos por meio de suas interações que possibilita aos indivíduos maneiras de solucionar problemas assim como constatá-los. Nessa concepção, os JDCs, a partir da lógica das inteligências múltiplas devem acontecer em ambiente que possibilite o desenvolvimento dessas inteligências assim como os agentes presentes nessa metodologia que favoreçam o processo sendo facilitadores desse processo (Reverdito e Scaglia, 2010, p. 46 e 47).

Para sintetizar, no que diz respeito às estratégias e às metodologias relacionando-as às pedagogias de Paes e Balbino, os autores concluem que,

Estão relacionadas à essencialidade complexa do jogo, em que o jogar se aprende jogando; a aprendizagem dos jogos se dá por meio do jogo possível – atividades lúdicas, jogos pré-desportivos e brincadeiras populares, jogos reduzidos, jogos condicionados e situacionais, constituído

de um ambiente fascinante e estimulador. (REVERDITO e SCAGLIA, 2010, p. 55)

Estamos nos deparando agora com um processo de crítica ao ensino de esporte tradicional voltado para o mecanicismo e à repetição de gestos técnicos. Ao nosso entender, as pedagogias críticas e as novas abordagens metodológicas trazem à luz uma negação não ao esporte nas aulas de Educação Física escolar, mas a uma ressignificação do seu ensino.

Para ilustrarmos o pensamento dos autores, principalmente de Paes e Balbino, já citados aqui, podemos pensar em um “jogo popular” e transformá-lo em instrumento de ensino para o pensamento tático e também técnico. Vamos usar como exemplo o pique-bandeira, ou bandeirinha como é conhecido em outras regiões, se o utilizarmos com suas regras convencionais já podemos incluir noções táticas de ataque e defesa, por exemplo, podemos mudar alguma regra como a de passagem com a bandeira, que ao invés de usarmos uma bandeira usamos uma bola de basquete. Para fazer o ponto, o aluno deve atravessar o espaço adversário realizando dribles, assim podendo trabalhar o gesto técnico e também de tática individual, uma vez que haverá interação do adversário ao tentar retomar a bola.

Bom, como dito, esse exemplo fora apenas para ilustrar o que, a nosso ver seria um “jogo possível” defendido na pedagogia acima descrita.

No mesmo sentido vemos agora, ainda utilizando como sistema e apoio a obra de Reverdito e Scaglia (2010), as pedagogias e metodologias, que ao nosso entender, faz todo sentido e diferença no ensino dos esportes, por isso nos remetemos então a Kröger e Roth e também a Greco e Benda que, novamente frisando a nosso entender, revolucionaram a forma de ensinar esporte dentro e fora das escolas.

Segundo Reverdito e Scaglia (2010), Kröger e Roth

...apresentam o referencial de sua proposta questionando a necessidade que hoje existe de uma cultura de jogar. Uma escola da bola natural. A Escola da Bola trata-se do jogar na rua e/ou formas de pequenos jogos com bola (na mão nos pés, com raquetes etc.). (REVERDITO e SCAGLIA, 2010, p. 99)

Na contramão do que enfatizam as metodologias tradicionais, a metodologia proposta por Kröger e Roth versa sobre um treinamento livre de mecanismos

obrigatórios com o objetivo de resultados imediatos. A Escola da Bola objetiva o ensino dos esportes orientado através de várias formas e experimentações não só de vários movimentos como também de vários esportes.

Na mesma vertente, seguem Greco e Benda (1998) na obra intitulada Iniciação Esportiva Universal I. Os autores fazem fortes críticas a dois movimentos, o humanista e o tecnicista, mas não críticas às suas formas metodológicas e sim críticas sobre o pensamento de substituição de verdade absoluta de uma em detrimento da outra. Os autores concordam que há de prevalecer um meio termo, um bom senso entre essas abordagens.

Na iniciação Esportiva Universal (4 a 10-12 anos), Greco e Benda (1998) privilegiam um processo de ensino-aprendizagem-treinamento que implica uma estruturação da aprendizagem motora para o treinamento técnico. Nessa fase, o tema central do processo é o desenvolvimento das capacidades coordenativas gerais, necessárias para a aprendizagem da técnica. (REVERDITO e SCAGLIA, 2010, p. 107)

Ao relacionar as metodologias e estratégias de Greco e Benda e de Kröger e Roth, os autores definem assim:

Para Kröger e Roth (2002) o ensino dos jogos coletivos por meio de jogos situacionais é uma aprendizagem incidental, para o desenvolvimento da capacidade de jogo e das capacidades coordenativas, privilegiando os fatores de pressão (tempo, precisão, complexidade, organização, variabilidade e carga) condicionantes da motricidade e o desenvolvimento das habilidades com bola e da construção de movimentos específicos aos esportes (técnica).

Para Greco e Benda, Greco (1998; 1998) o desenvolvimento das capacidades coordenativas, inicialmente da aprendizagem motora ao treinamento da técnica se dá por meio de jogos e exercícios dirigidos, de perseguição e estafetas e, subsequentemente, o desenvolvimento da capacidade de jogo ao treinamento tático, também por meio de jogos funcionais e situacionais, privilegiando fatores de pressão (tempo, precisão, complexidade, organização, variabilidade e carga) condicionantes da motricidade.

Após visitarmos, sucintamente, alguns dos inúmeros autores da pedagogia do esporte e da didática da educação física, além de discutirmos a máxima sobre “o

esporte na escola e o esporte da escola”, podemos chegar a algumas conclusões para finalizar este capítulo.

Vamos aqui enumerar nossas conclusões para que a seguir possamos discutir de forma mais sistemática e abrangente, quando apresentarmos a unidade didática proposta por este estudo. Assim concluímos neste capítulo que:

- a) As pedagogias críticas surgiram para romper com o movimento tecnicista e mecanicista existente no ensino dos esportes dentro e fora das escolas;
- b) Algumas pedagogias e metodologias prezam por um ensino dos esportes de forma mais ampla, abordando seus aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos. Assim como outras pedagogias prezavam, criticamente, para o ensino das técnicas e táticas;
- c) Existem, à luz da Praxiologia Motriz, duas lógicas no esporte interna e externa que servem para classificar e melhor compreender o esporte de acordo com sua natureza de jogo (interna) e compreender os aspectos não enraizados na prática do jogo como cultura, sociedade e história do esporte (externa);
- d) Mesmo com um número absurdo de publicações sobre o tema pedagogia do esporte e didática da educação física, ainda encontramos em escolas os modelos tradicionais que não privilegiam os sujeitos que praticam o esporte e sim o resultado final que nem sempre é alcançado;
- e) Faz-se necessário aproximar a teoria da prática e ressignificar o ensino dos esportes, principalmente dentro das aulas de educação física escolar.

### 2.3 Conteúdo esporte no ensino médio

Então, se perguntassem a um indivíduo adulto, hoje, o que é esporte, com certeza ele teria uma resposta bem elaborada que abordaria ou não todos os aspectos do esporte como fenômeno em si e suas modalidades esportivas. Mas se

essa pergunta fosse feita há pouco mais de 20 anos, na sua passagem como estudante pelo Ensino Médio, a resposta seria mesma? Claramente não, e nem se avançássemos 10 anos a resposta seria a mesma.

O conhecimento, não só sobre o tema esporte, é contínuo e construído gradualmente, pois deriva de vários fatores como vivência, experiência ou não com o tema abordado, nível de interesse, entre outros.

Mesmo entendendo nem por isso devemos suprimir dos jovens o direito de conhecer o esporte de uma forma mais ampla. Qual seria hoje o pensamento do jovem sobre o esporte? Seria o simples fato de jogar bola? Para muitos, sim. Seria uma besteira, algo sem sentido? Para outros muitos, também sim. Entendemos esse fator como cultural, já enraizado no local, mas não permanente. E a escola junto com as aulas de Educação Física escolar é determinante para essa mudança.

Os humanos produzem e praticam cultura e, ao fazê-lo, inventam a si mesmos. É ainda importante realçar a noção de “cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, à sobremesa, ao entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária que é a ideologia, mas se realiza como direito de todos os cidadãos, a partir do qual eles se diferenciam, entram em conflito, trocam as suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras alternativas, movem todo o processo cultural. (VAGO, 2009, p. 29)

Como bem descrito por Vago (2009), o ser humano é responsável por produzir e praticar cultura, assim como também negar e criar outras culturas. No contexto deste capítulo, podemos subscrever se em uma localidade onde a cultura esportiva já é única, como o caso citado acima, os próprios sujeitos podem manter essa mesma cultura intocável e também modificá-la de acordo com seu interesse e dos demais.

O mesmo autor ainda complementa seu pensamento dando relevância à escola como agente modificador e preservador dessa cultura, corroborando com nosso pensamento de que a escola é fundamental nesse processo cultural da relação da juventude com o esporte.

É então que pensar o humano como ser de cultura se torna essencial quando o que está em questão é a experiência que se pode organizar e



viver na escola, envolvendo crianças, adolescentes, jovens, adultos. Experiência que se traduz em uma formação cultural que recobre um tempo fundamental da vida – 14 anos, apenas considerando a educação básica, onde a Educação Física está. É incontornável refletir sobre os limites e as possibilidades que a escola (e nela a Educação Física) tem de potencializar esse “recurso essencial para o viver humano” que é a cultura. (VAGO, 2009, p. 30)

Vago ainda complementa que o professor é sujeito praticante de cultura, de função primordial para romper com a morosidade de apenas executar o que lhe é transmitido pelos órgãos responsáveis pela educação, para ele o professor deve:

Ao contribuir para a formação cultural de uma criança, de um adolescente, de um jovem, de um adulto, está ao mesmo tempo realizando uma intervenção sobre as práticas culturais que circulam na “sociedade” – porque cada ser humano é expressão delas. (VAGO, 2009, p. 31)

Outro fator determinante para compreender a relação Juventude/Esporte é a desigualdade social, pois é discrepante a diferença de acesso às atividades desportivas, nesse caso fora da escola, entre as variadas camadas sociais da sociedade brasileira, Nogueira (2011) retrata muito bem isso.

Apesar da desigualdade social marcar indiscriminadamente diversas parcelas da população, os grupos situados entre 15 e 29 anos são particularmente atingidos por processos de exclusão. Emprego precoce e subemprego, escolarização precária, exílio em bairros decadentes, etc. possuem características particulares quando a discussão é focada na juventude: a desigualdade social tem provocado uma concepção do jovem como um problema social, propenso à delinquência e ao uso de drogas, devendo, portanto, tomar parte de projetos de sociais capazes de promover uma ‘correta’ socialização. (NOGUEIRA, 2011, p. 104)

Mesmo sendo direito constitucional, a prática de atividade desportiva e também de lazer é diferente, é desigual. Mesmo com todas as premissas e garantias legais o oferecimento de possibilidades de prática continua pífia, ainda mais quando trazemos à discussão para as esferas municipais. Para compreender melhor as questões legais, segue um recorte do Estatuto da Juventude de 2013.

#### SEÇÃO VIII – Do Direito ao Desporto e ao Lazer

Art. 28. O jovem tem direito à prática desportiva destinada a seu pleno desenvolvimento, com prioridade para o desporto de participação.

Parágrafo único. O direito à prática desportiva dos adolescentes deverá considerar sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Art. 29. A política pública de desporto e lazer destinada ao jovem deverá considerar:

- I – A realização de diagnóstico e estudos estatísticos oficiais acerca da educação física e dos desportos e dos equipamentos de lazer no Brasil;
  - II – A adoção de lei de incentivo fiscal para o esporte, com critérios que priorizem a juventude e promovam a equidade;
  - III – A valorização do desporto e do para-desporto educacional;
  - IV – A oferta de equipamentos comunitários que permitam a prática desportiva, cultural e de lazer.
- Art. 30. Todas as escolas deverão buscar pelo menos um local apropriado para a prática de atividades poliesportivas. (BRASIL, 2013, p. 32)

Assim, entendemos que a Educação Física escolar deve tratar o esporte não apenas em sua dimensão prática e restrita dentro da própria escola, é necessário pensar o esporte em outros aspectos que transcendem os muros e mude a visão dos jovens do Ensino Médio, assim como a toda comunidade escolar, sobre o fenômeno esportivo.

Não se trata, porém, de negar a prática esportiva, pois entendemos perfeitamente a importância dessa prática dentro e fora das escolas, assim como sabemos da importância dessa prática para os alunos de escolas públicas com condições sociais desfavoráveis que geralmente tem a escola como o único lugar onde conseguem praticar um esporte.

Não pretendemos neste estudo, preferenciar em todo o Ensino Médio as discussões teóricas sobre o esporte, seus saberes conceituais, mas sim apresentar de forma organizada esses saberes promovendo um entendimento mais amplo do fenômeno esportivo.

Entendimento que abriria um leque maior de informações e conceitos sobre o tema esporte. Se pegarmos como exemplo uma cidade pequena em que as práticas esportivas se resumem em Futebol e Futsal para os homens e handebol para as mulheres, qual seria a resposta dos cidadãos dessa cidade sobre o que é esporte para eles? Certamente se resumiria em relatar as práticas que estão enraizadas em sua cultura. Salve lógico, algumas exceções!

O esporte é o conteúdo mais presente nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, mas seu trato pedagógico, por vezes, é erroneamente empregado

quando essas aulas se simplificam em, apenas, repetir gestos técnicos, códigos e regras já estudados nos outros anos escolares.

O esporte como conteúdo curricular não pode se limitar ao praticar por praticar, nem no Ensino Médio e nem nos outros segmentos, pois deve se caracterizar por aulas contextualizadas que englobem todas as dimensões dos conteúdos (procedimental, conceitual e atitudinal).

Barroso (2018) afirma que no ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar

Não basta o professor ensinar a jogar determinados esportes, há necessidade do ensinar sobre esses esportes, realizando contextualizações/tematizações acerca dos mesmos, para os alunos entenderem as suas origens, reconhecerem as suas modificações, compreenderem o atual momento, e até terem condição de realizarem transformações. Contudo, isso só acontecerá se as aulas possibilitarem momentos de reflexões, questionamentos e discussões. (BARROSO, 2018, p. 12)

Aliás, não somente o esporte, mas toda a prática corporal trabalhada dentro das aulas de Educação Física na escola não deve se limitar ao praticar, assim como Darido (2015, p.65-69) nos traz quando escreve sobre os conteúdos da educação física escolar e suas dimensões (atitudinal, conceitual e procedimental) dizendo que as aulas de Educação Física escolar devem ir além do fazer. A autora destaca que essas dimensões devem estar sempre presentes nas aulas, não de forma separada, mas juntas em cada aula.

Entendendo que o esporte é também um conteúdo da Educação Física escolar, nada mais correto que seja tratado pedagogicamente seguindo as dimensões destacadas.

Para Rangel-Betti (1999 p.30) “é impossível, negar aos alunos, nas aulas de educação física de 1º e 2º graus, o aprendizado do esporte”. A autora entende também que não devemos aceitar a forma que esse conteúdo é transmitido sem compreensão e transformação do aluno.

A mesma autora também fala sobre a função do professor ao ensinar o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física escolar, assim entendendo que:

A função do professor é a de promover o entendimento de vários sentidos que os jogos esportivos possam ter a resolução de conflitos que possam surgir em sua realização e a compreensão, e até, alteração de suas regras. É preciso aprender a discutir o que acontece no esporte, por exemplo, a questão política dos boicotes olímpicos, os ídolos, e não simplesmente negá-los. (RANGEL-BETTI, 1999, p. 27)

O pensamento da autora coaduna com a ideia dessa unidade didática, principalmente quando descreve a necessidade de aprender o que acontece no entorno do esporte, fora dos campos, quadras e pistas.

Como já discutido no início deste capítulo, as aulas de Educação Física devem fazer sentido, trazer um significado para os alunos que não seja o de mero passatempo dentro da escola. O esporte se não tratado como conteúdo dentro de uma grade curricular acaba colaborando com essa forma de pensar, chegando principalmente aos alunos de Ensino Médio o entendimento de que os esportes que lhes foram ensinados devem ser agora somente jogados como forma de passatempo.

Tal pensamento corrobora com as justificativas de alguns alunos, digo agora baseado em minha experiência na Educação Física escolar, para o afastamento dos desses alunos das aulas.

Retomando um pouco à minha graduação, para brevemente contextualizar minha trajetória com o ensino do esporte na escola e a escolha do tema deste estudo, pauto-me na grade curricular da Faculdade e como foi-me ensinado a como trabalhar com esporte.

O que fora trabalhado nos semestres que cursei as disciplinas de esportes (Voleibol, Futsal, Handebol, Basquetebol, Futebol de Campo, Natação e Atletismo) eram as regras, educativas para o ensino das técnicas e táticas, todas voltadas para um formato esportivista, me sentia apto a ensinar esses esportes em qualquer

lugar que trabalhasse, até mesmo em escolas, mas me decepcionei quando realmente tive que ensinar em escolas.

Para concluir, meu relato, o esporte dentro da escola vai muito além do que se ensina em clubes e escolinhas, principalmente quando o segmento é o Ensino Médio e baseado nessas experiências e nas literaturas vigentes discutiremos neste subcapítulo um pouco sobre o que é e o que deve e pode ser o ensino do esporte no Ensino Médio.

Mas se não trabalharmos regras, técnicas e táticas dentro do conteúdo esporte, o que vamos trabalhar? Barroso e Souza Júnior (2017, p.254) entendem que “no interior do esporte, entretanto, há uma grande quantidade de temas que podem ser abordados...”, dentre esses assuntos estão os grandes eventos esportivos como exemplo com os quais se pode discutir subtemas como, investimentos públicos, geração de empregos, gastos desnecessários, corrupção, legado econômico e social.

Em uma das aulas, trabalho sobre a origem dos esportes, não de uma modalidade esportiva isolada, mas do esporte como fenômeno, utilizo como primeiro conceito o que Galvão, Rodrigues e Silva (2015, p. 182) descrevem em seu livro que diz: “em sua origem, a palavra esporte significa regozijo, ou seja, diversão, e continua, ainda hoje, servindo de base para quase todas as definições atuais”. E a partir desse conceito de diversão começamos a discutir o que seria esporte na opinião deles, resumidamente a parte de teoria fora assim, logo após fomos para quadra para poder vivenciar uma das mais antigas manifestações esportivas conhecidas, a luta medieval.

Procurei, portanto, trabalhar os saberes conceituais mesclando momentos de debate com momentos de vivência, intencionando-me planejar uma aula mais atrativa.

O Coletivo de Autores (2012) ao falar do esporte como conteúdo escolar também entende que o seu ensino pode e deve extrapolar os gestos técnicos,

assim como entendemos neste estudo, o esporte como fenômeno, os autores enfatizam que a partir desse entendimento o esporte necessita de novos olhares. “Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria”. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.70)

Dar sentido e significado ao ensino do esporte na escola, principalmente no Ensino Médio, entender o esporte como fenômeno social, econômico e políticos, entender sua origem, suas modificações são temas que foram trabalhados na UD elaborada neste estudo.

Esse conteúdo é um dos mais importantes e presentes dentro das aulas de Educação Física escolar, assim como também é importante essa etapa da educação básica na vida dos nossos alunos, pensar, discutir e analisar o tratamento pedagógico do esporte é vital para uma educação física de valor para esses jovens. Elaborar uma UD para esses fins é apenas um passo para ressignificar nossas metodologias, mas acredito que assim como eu, milhares de professores estão também repensando e fazendo valorizar nossa profissão.

#### 2.4 Estudos sobre o esporte – A unidade didática

Opto, agora, em descrever um pouco mais detalhadamente minha trajetória docente, desde minha formação inicial até o ingresso neste programa de mestrado exatamente neste capítulo por entender que a unidade didática elaborada neste estudo é fruto desta trajetória.

Esta unidade didática é resultado de todo o conhecimento (experiências) vivido como aluno de graduação, professor e agora aluno da pós-graduação e também por experiências do dia a dia. Sentimentos como o ânimo no início da carreira, a motivação de ensinar e oferecer o meu melhor naquela época, a desmotivação pelos fatores internos da escola como falta de estrutura e materiais e também as condições externas de trabalho de todo profissional de educação como

salários baixos, desvalorização perante a sociedade também colaboraram para a elaboração desta unidade didática.

Alguns fatores foram de extrema relevância para minha trajetória docente, já passei pela fase motivadora do início de carreira, o desânimo e conseqüente abandono do trabalho docente e injeções de ânimo que me fizeram hoje estar neste programa podendo escrever e discutir minha prática e contribuir para minha formação profissional e também de colegas a quem este trabalho possa interessar.

Em pouco mais de 15 anos de trabalho com a educação física escolar o conteúdo esporte sempre me chamou atenção, não somente pela minha formação, mas também pelo gosto particular e a vontade de ensinar esporte.

O modelo esportivista, tecnicista ao qual fui apresentado durante a graduação fizeram parte dos primeiros anos de docência na Educação Física escolar, mas algumas situações me inquietavam. A constante falta de material e a dificuldade em lidar com turmas com clientela bem heterogênea em gênero, interesse e condições físicas e técnicas eram as minhas principais inquietações, e ao mesmo tempo em que me inquietavam tais situações, também me acomodavam, em dado momento da carreira me via tranquilo em ministrar aulas para uma parte da turma e aceitar que outra parte não participasse da aula. Foi assim por um bom tempo.

Temas de estudo hoje como o afastamento, o desinteresse, a repetição de conteúdos e falta de planejamento foi por um período recorrente em minhas aulas. Mesmo, às vezes, quando tentava inovar trazendo algo diferente dentro do que imaginava ser ótimo para as minhas aulas, eu não me importava com o afastamento de parte da turma.

Passei por um período tenebroso do conhecido rola-bola, algo que naquele momento era cômodo e fácil, agradava a todos os que queriam jogar e os que não queriam e para não ter discussões por qual atividade/esporte os alunos fariam no dia me dava ao grande trabalho de revezar e dividir o tempo entre as atividades. Bom, foi sim um período triste em que mesmo descansado chegava a minha casa, exausto, mentalmente, por não ter exercido minha profissão de forma satisfatória.

Cansado desse quadro profissional em que me encontrava, no ano de 2011 elaborei na época o que entendia como um projeto, que hoje denominaria de unidade didática, sobre esportes adaptados e inclusão através do esporte, e para mim foi uma grata surpresa, pois a participação nas aulas do projeto foram quase que integrais e o feedback com os alunos foi surpreendente, já no ano de 2012 trabalhava em uma escola de zona rural e fizemos um outro projeto, cujo tema foi o futebol na história daquela comunidade, os resultados foram sensacionais, até uma bola feita com bexiga de porco apareceu nas aulas e jogamos com ela.

Daí em diante, consegui, através desses e de alguns projetos desenvolver um trabalho mais atraente e de resultados mais satisfatórios com o ensino do esporte dentro da Educação Física escolar. Nesse período, participei de alguns congressos, simpósios e capacitações que agiram como uma mola propulsora para mudança de atitudes com relação à minha prática docente.

O ingresso neste programa de mestrado só fez somar e me levou a escrever sobre minha prática através deste estudo e da unidade didática proposta aqui.

A minha trajetória na docência contextualiza e justifica a decisão de elaborar e aplicar uma unidade didática voltada para o ensino do esporte, cuja intenção seria compreender o que é o esporte como fenômeno e trabalhar esse tema fora de uma modalidade esportiva isolada tal como trabalhar a história do futebol no conteúdo futebol, ou trabalhar a influência da mídia em uma aula dentro do ensino do conteúdo vôlei. Quero, com essa unidade didática, trabalhar esporte dentro do conteúdo esporte presente no meu plano de trabalho anual.

Espero, com essa unidade didática, contribuir para que “nossas soluções” sejam cada vez mais nossas e de todos, na leitura, na escrita e principalmente na prática nossa de cada dia. Gonzalez e Fensterseifer (2010 p. 19) quando discorrem sobre o “não lugar da educação física escolar” finalizam o segundo texto da “série”, acreditamos no ideal deste trabalho e com a intenção de elaborar uma unidade didática, dizendo que

...as ideias aqui esboçadas têm esse intento sem jamais pretender substituir os sujeitos, pois, mais que produzir soluções, interessa-nos o lugar dos sujeitos na produção dessas soluções, só assim elas serão nossas soluções. (GONZALEZ E FENSTERSEIFER, 2010, p. 19)



Além da experiência adquirida nos anos de docência, a vivência e a troca de conhecimentos promovidos pelo mestrado através da interação entre professores de todos os cantos do país e as leituras realizadas também contribuíram para moldar essa unidade didática.

Muitas leituras, de textos e de mundo, fizeram chegar à elaboração desta UD. Vários autores e várias vertentes metodológicas moldaram meus pensamentos para construir uma sequência pedagógica que pudesse mostrar o esporte em seus mais diversos aspectos, por mais que tenha me esforçado, não consegui dentre as epistemologias existentes, identificar uma que definisse o trabalho que realizei dentro da escola.

Uma das primeiras leituras que me fez buscar o que seria uma unidade didática, estaria realmente esta metodologia de acordo com o que eu penso como aula. Em busca de um conceito para unidade didática encontrei no texto de Pais (2010) que entende e define o termo assim:

A designação unidade didática ou unidade de programação remete, do ponto de vista da concepção do processo ensino/aprendizagem, para uma realidade técnico-didática baseada num conjunto de opções metodológico-estratégicas que apresentam como fundamentos técnicos base: uma forma específica de relacionar a seleção do conteúdo programático (entendido como sequenciação didática) como fator tempo (concebido como entidade biunívoca de relação entre tempo de ensino e tempo de aprendizagem); a aposta na coerência metodológica interna, a partir da seleção de uma unidade temática e da definição de um elemento integrador; a consideração de que todos os elementos intervêm no processo e articulam em percursos, como verdadeiros projetos de trabalho contextualizados. (PAIS. 2010, p. 02)

Antes de trabalhar e descobrir essa forma de trabalho docente, pautava alguns trabalhos na pedagogia de projetos, na qual o professor cria situações de aprendizagem e deixa de ser mero transmissor de conhecimento. Acredito que de acordo com a conceituação descrita acima os trabalhos outrora trabalhados se aproximam muito do que hoje se denomina Unidade Didática, principalmente quando o autor diz que as unidades didáticas são “*verdadeiros projetos de trabalho contextualizados*”.

Mesmo sem indicações diretas a teoria crítico-emancipatória foi uma das vertentes para construção desta UD. Kunz contribuiu muito com este trabalho

quando fala sobre o papel do docente no ensino do esporte com as seguintes palavras:

Nesse espaço pedagógico o profissional de educação física deve propiciar, pela historicidade do seu conteúdo esportivo, uma compreensão crítica das encenações esportivas. Sua intencionalidade pedagógica específica não é apenas auxiliar o aluno a melhor organizar e praticar seu esporte de forma que dele possa participar com autonomia, mas é acima de tudo uma tarefa de reflexão crítica sobre todas as formas de encenação esportiva. Isto para ser coerente com a proposta crítico-emancipatória. (KUNZ, 2016, p.76)

Grande colaboração veio também dos preceitos dos autores da cultura corporal do movimento, sendo algumas das autoras a professora Suraya Darido e a professora Irene Conceição Andrade Rangel que foram essenciais não só para o trabalho, mas também para minha prática docente. As dimensões dos conteúdos (conceitual, procedimental e atitudinal) estão presentes no plano de ação da unidade didática proposta.

Galvão, Rodrigues e Silva (2015) nos dão dicas de como trabalhar o esporte nas três dimensões dos conteúdos.

Identificar a existência do movimento esportivo como uma ação social institucionalizada que apresenta suas especificidades, entre elas a de ser regulamentada pelas federações (...) pode-se constituir em um conteúdo conceitual (...) Para vivenciar dimensão procedimental, o professor pode sugerir a realização de uma partida de voleibol (...) a tarefa dos alunos é reproduzir fielmente os campeonatos oficiais (...) Na dimensão atitudinal, o professor pode sugerir que os alunos busquem identificar quais valores compõe a base sobre o qual todo o conjunto de ações intrínsecas e extrínsecas à prática esportiva é estruturado. (GALVÃO, RODRIGUES E SILVA, 2015, p. 188,189)

Para finalizar este pequeno referencial teórico, me remeto ao Coletivo de Autores em dois trechos que particularmente sempre me inquietou no tocante ao trato pedagógico do esporte, o primeiro diz que o esporte *“deve ser analisado nos seus vários aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como o esporte “na” escola”*. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 70).

Outro trecho que me chamou muita atenção foi o seguinte.

Para o programa de esporte se apresenta a exigência de desmitificá-lo através da oferta, na escola, do conhecimento que permita aos alunos criticá-lo dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural. Esse conhecimento deve promover, também, a compreensão de que a prática esportiva deve ter significado de valores e normas que

assegurem o direito à prática do esporte. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 70)

Dentre todos os autores citados neste texto, os que, sucintamente, apresentei aqui são os que mais me inspiram na prática docente e conseqüentemente na elaboração da UD que passo apresentar no parágrafo seguinte.

A UD trabalhada nesta pesquisa tem ênfase no estudo dos saberes conceituais do esporte saberes esses que já são desenvolvidos em outras UD's de modalidades esportivas, como o voleibol, mas que não são estudados em conjunto. Pretendemos trabalhar esses conceitos voltados para o esporte em si sem caracterizar modalidades específicas.

São sete encontros com duas aulas geminadas em cada, totalizando 14 aulas para esta UD. Cada encontro com um total de uma hora e quarenta minutos, divididas em aula teórica e aula prática. Não mensuramos o tempo gasto com cada parte, teoria e prática, mas em todas as aulas essa proporção de um tempo de 50 minutos para cada e com as devidas variações, pois a intenção foi no primeiro momento demonstrar os conceitos para os alunos de forma expositiva e após vivenciá-los.

Cada encontro teve um tema diferente, mas com relação ao esporte, foram trabalhados a origem e conceito do esporte, o processo de esportivização de práticas corporais, a influência da mídia no esporte, a relação entre esporte na escola/esporte da escola, a classificação das modalidades esportivas e a relação entre o esporte e as diversas culturas. Foram seis encontros com estes temas e o sétimo e último encontro foi um momento de avaliação e descontração com a turma.

### 3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

#### 3.1 Universo da pesquisa

A realização deste trabalho foi de cunho qualitativo, a opção pela pesquisa qualitativa se justifica na natureza do estudo, que entende os participantes da

pesquisa como seres históricos, culturais, sociais e biológicos. Objetivamos desvelar os sentimentos dos alunos sobre a UD proposta, assim como os sentidos/significados que a mesma proporcionou aos estudantes. Para Negrine (2010, p. 61) “o paradigma qualitativo e/ou imperativo está direcionado a desenvolver o conhecimento ideográfico, com a finalidade de buscar significados entre os objetos estudados”.

Em um primeiro momento efetuamos uma pesquisa etnográfica pelo princípio de que o estudo se daria em um ambiente escolar e que lidaríamos com os comportamentos dos alunos e do professor-pesquisador durante a pesquisa.

A pesquisa aborda a própria prática do pesquisador, para isso vamos nos pautar nos preceitos de Zaidan (2018), grande parte dos professores investigadores trazem como projetos de pesquisa a própria experiência dentro das salas de aula, desafios a serem superados nas metodologias e propostas metodológicas inovadoras, os quais seriam os focos das pesquisas.

No segundo momento, utilizamos da pesquisa-participante, Negrine (2010), sendo assim, nossa pesquisa se encaixaria no tipo de observação, de acordo com o autor, “participante observador”, pois se aplicaria à unidade didática, mediaríamos os grupos focais e ainda relataria em seu diário de bordo ou campo.

Assim, a pesquisa foi realizada na própria sala de aula do professor-pesquisador e aplicada pelo próprio, e como resultado deve gerar além da dissertação um produto educacional, ou seja, um material didático que possa retornar para a realidade dos professores na escola. Esse produto pode ser um livro, vídeos, site, um jogo, um texto (livreto) informativo sempre com o objetivo de fazer a diferença no chão da escola.

A pesquisa desenvolvida aqui pode sim, ter o caráter da pesquisa-ação, pois respeita quase todos os preceitos desse método, mas existe uma característica em comum que pode ser “encaixada” em outro tipo de pesquisa, a Pesquisa-Ensino, a participação do pesquisador em sua própria prática, ou seja, dar a aula e fazer a pesquisa. Podemos então, definir esse processo investigatório como uma pesquisa

de cunho qualitativo utilizando como método a pesquisa-ensino referenciada por Zaidan (2018), Penteadó (2010) e Penteadó e Garrido (2010).

### 3.2 Participantes

São parte do universo desta pesquisa os alunos matriculados no segundo ano do Ensino Médio, turma designada 02 do turno vespertino da Escola Estadual Nascimento Leal – Distrito de Alvorada – Carangola – MG. A Escola Estadual Nascimento Leal pertence à Superintendência Regional de Ensino de Carangola, subordinada à Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais, é uma escola considerada Escola do Campo, pois a maioria dos seus alunos são moradores de comunidades rurais.

De acordo com a Resolução Nº 2820, de 11 de dezembro de 2015, que institui diretrizes para as escolas do campo de Minas Gerais, em seu artigo 2º entende-se por Escolas do Campo aquela situada em área rural definida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ou situada em área urbana, mas que atenda predominantemente às populações do campo.

Essa escola foi escolhida por ser local de lotação em caráter efetivo do pesquisador e uma vez se tratando de uma pesquisa-ensino, na qual o professor investiga a própria prática, é a escolha mais correta. Além do mais, tratam-se escola e turma, nos pontos mais desafiadores encontrados pelo professor-pesquisador no que se relaciona ao tema do estudo, o ensino do esporte nas aulas de Educação Física escolar do Ensino Médio.

Participaram da pesquisa os alunos do segundo ano do ensino médio, totalizando 18 alunos, sendo 10 meninas e 08 meninos com idades entre 16 a 18 anos.

### 3.3 Aspectos éticos

Para assegurar o respeito aos participantes, foram realizadas as seguintes ações:

- a) Carta de anuência apresentada para a direção da escola (Anexo III).
- b) Entrega do termo de consentimento livre esclarecido para os responsáveis (Anexo I).
- c) Todas as imagens de fotografias realizadas nas aulas foram guardadas sob total sigilo e utilizadas apenas para análise dos dados.

É importante apontar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Minas Gerais e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 22306119.2.0000.5149, cujo parecer é de nº 3.892.776 datado de 02 de Março de 2020.

### 3.4 Instrumentos

Nesta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: a observação pelo professor pesquisador das aulas, o Diário de Bordo, o grupo focal e fotografias para registro das aulas que passamos a descrever.

Na observação das aulas nos apoiamos em Penteado (2010) que define a pesquisa da própria prática docente como pesquisa-ensino. Foi realizada durante e como ato docente, pelo profissional responsável pela docência. Essa atuação visa à vivência de condutas investigativas na prática de ensino, que permitem exercê-lo como um processo criativo docente (PENTEADO, 2010).

Durante as aulas, o professor-pesquisador fez anotações em diário de bordo que posteriormente, logo após o fim do dia letivo, seria transformado em texto, essas observações foram baseadas principalmente nas reações dos alunos com relação à aula, seus comportamentos e sentimentos. Esse movimento de anotação foi difícil, uma vez que essa tarefa se misturava com a tarefa de ministrar a aula, para que fosse aproveitado o máximo de fatos observados, o professor usou um bloco de anotação e escrevia pequenas frases, tópicos, para descrição adequada nos resultados.

Esse instrumento foi de suma importância para a pesquisa, pois colaborou com o processo de análise de dados complementando o que não era narrado pelos

alunos nos grupos focais. Principalmente no que tange aos pontos negativos referentes às aulas.

O Diário de Bordo (campo) foi utilizado como ferramenta metodológica para os registros das atividades desenvolvidas durante as aulas na UD. À medida que fomos desenvolvendo as aulas por meio do diário, registramos as etapas, detalhando e indicando datas e locais de todos os fatos, passos, descobertas e indagações apresentadas pelos alunos durante as aulas.

O grupo focal reuniu seis participantes em uma entrevista coletiva, nessa entrevista foram expostas as opiniões dos participantes ao final de cada aula, cujo objetivo era refletir as considerações e as questões sobre toda a UD proposta. Como o número de participantes do estudo é considerado flutuante, já que depende da frequência dos alunos nas aulas, o número de participantes nos grupos focais acabou sendo fixado, para não ter alterações. Foi preferido o número de seis participantes por grupo focal, mínimo estabelecido pelas literaturas, assim como nos apontado por Gomes (2005, p.285) que recomenda “que o tamanho do grupo deve variar entre seis e dez membros”, recomendando também o estabelecimento de 20% de reserva para possíveis ausências.

Assim, os participantes dos grupos focais foram sorteados, tomando o cuidado de não se repetir os mesmos membros sempre e dos estudantes que participaram da aula proposta no dia dois eram escolhidos para a suplência.

O registro foi elaborado pelas anotações do professor pesquisador, por fotografias realizadas no momento desse grupo e sistematicamente realizamos as seguintes perguntas:

- O que vocês acharam da aula?
- Os objetivos da aula foram cumpridos?
- As atividades propostas foram suficientes para cumprir os objetivos?
- Quais foram os pontos positivos e negativos da aula?

As questões nortearam as discussões, para que pudéssemos retirar dos alunos o maior número de informações possíveis, algumas outras perguntas

surgiram com os temas apresentados e eram formuladas de acordo com a resposta dos alunos, dando resultados positivos no grupo focal.

### 3.5 Procedimentos para a coleta e seleção de dados

Durante a aula, o professor fez uso de anotações em diário de bordo (campo) pontuando os detalhes das aulas ministradas assim como as reações positivas e negativas dos alunos durante as mesmas.

Esse instrumento auxiliou, melhor dizendo, complementou dados aos grupos focais e também trouxe impressões importantes sobre os comportamentos dos alunos e do próprio professor-pesquisador durante a aula proposta, seguindo os preceitos de Ribeiro; Miranda; Feitosa; Cardoso; Oliveira; Oliveira (2016) que definem o diário de campo assim:

O diário de campo é uma ferramenta que possibilita registrar como o meio nos afeta quase no mesmo momento, *in loco*. Convoca-nos a expressar nossas primeiras impressões, percepções e questionamentos. No início, pode surgir algum desconforto diante desse desafio: anotar até nossas emoções defronte os acontecimentos e as vivências em campo. Contudo, é através do treino constante que nosso olhar fica mais aguçado e nossas palavras se tornam mais assertivas à medida que praticamos. (RIBEIRO, MIRANDA, FEITOSA, CARDOSO, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2016, p. 87).

Os alunos, ao final de cada aula da unidade didática proposta, participaram de um grupo focal. Como as aulas na turma pesquisada são unidas e tínhamos o total de uma hora e quarenta minutos de aula, usamos a parte final das aulas (20 minutos aproximadamente) para os grupos focais. Os alunos que nesse momento não participaram do grupo focal, ficaram na quadra até o final da aula em alguma atividade recreativa.

Justifica-se também falar que esses momentos de conversa no final das aulas eram recorrentes para os alunos dessa turma, assim não sendo tarefa impossível reuni-los para esse grupo focal no final de cada aula, a única alteração é o tempo destinado a essa interferência.



### 3.6 Procedimentos para a análise de dados

A partir da posse dos registros do diário de bordo, após o término das aulas de cada dia, realizamos a descrição dos fatos acontecidos nas aulas. Para ajudar na descrição, fotografamos algumas atividades da aula. A organização dos planos de aula nos ajudou no roteiro das aulas e assim das observações e descrição destes fatos.

Como realizamos os grupos focais no término de cada aula proposta na UD, houve transcrição na íntegra das falas dos entrevistados que foram gravada em cada grupo focal e realizada após a coleta de todos os dados. Dividimos a discussão em três tópicos que acordam com os objetivos deste trabalho. O primeiro tópico responde à pergunta sobre como foi o tratamento pedagógico do esporte na escola. O segundo tópico versou sobre as impressões, expectativas e significados que os alunos tinham e agora têm sobre o esporte. E para finalizar, o último tópico foi discutido sobre o ensino do esporte nas aulas de educação física, sob um olhar mais conceitual do esporte.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise do caminho percorrido

Este estudo foi pensado, elaborado e baseado a partir de uma unidade didática com o tema “Estudos sobre o Esporte” que em suma traz as inquietações de um professor-pesquisador com relação ao ensino do esporte na escola, essa unidade foi fruto dos seus anos de experiência docente e pautado em leituras e trabalhos docentes realizados anteriormente.

Ao elaborar a UD (Unidade Didática, o professor-pesquisador, mesmo que ainda não validado pelos alunos, imaginava ser uma proposta inovadora e que traria uma solução para tratar os aspectos conceituais do esporte, mas não o esporte como modalidades esportivas isoladas e sim como fenômeno em si.

Como se trata de uma pesquisa-ensino, somente os entendimentos do professor não validaria a UD, mas os pensamentos, significados e sentimentos dos alunos em cada aula faria com que esse processo de ensino-aprendizagem fizesse sentido, que, aliás, como já citado no primeiro capítulo deste estudo, é uma das percepções que os alunos têm da escola, o fazer sentido, ter significado a escola e as disciplinas na sua vida.

Portanto, por intermédio dos grupos focais realizados ao final de cada aula, foi dada voz aos estudantes. Tais vozes foram pré-analisadas, separadas e exploradas ao máximo, para poder trazer à luz da discussão as inferências e as interpretações dos dados coletados. (BARDIN, 2016, p. 125)

Para esta análise optamos por dividir, categorizar os dados coletados e interpretados em três tópicos que respondem, mesmo que parcialmente, às inquietações iniciais propostas para este estudo. O primeiro tópico responde à pergunta sobre como está sendo o tratamento pedagógico do esporte na escola. O segundo tópico versará sobre as impressões, expectativas e significados que os alunos tinham e agora têm sobre o esporte. E para finalizar o último tópico, discutiremos o ensino do esporte nas aulas de educação física, sob um olhar mais conceitual do esporte.

Como em cada encontro (aula) foi realizado um grupo focal na parte final, adotaremos para esta pesquisa a análise de encontro por encontro, sequencialmente, inclusive o encontro de avaliação. Sendo assim, para cada encontro utilizaremos as três categorias de análise de conteúdo.

Apresentaremos as aulas na íntegra, e realizaremos uma análise na sequência, a fim de colaborar com o processo de (re)conhecimento do trato pedagógico do Conteúdo esporte demonstrando as vastas possibilidades de trabalho com o tema.

#### 4.2 Plano de ação para a unidade didática “Estudos sobre o Esporte”.

Esse plano de ação consiste na participação dos alunos na Unidade didática (UD) de Estudos sobre o Esporte. Durante a aplicação da UD, os alunos

participantes, também, participarão de grupos focais após cada aula, em um total de 7 encontros. Em seguida, descrevo a UD e seus respectivos instrumentos de coleta de dados.

## Objetivo Principal:

Abrangendo as três dimensões dos conteúdos (procedimental, conceitual e atitudinal), nosso objetivo é elaborar uma proposta em que o esporte seja tratado pedagogicamente a partir de sua historicidade, suas mudanças e evoluções, classificação, influência da mídia, entre outros pontos a serem estudados e vivenciados pelos alunos.

## Apresentação:

A presente unidade didática foi realizada com uma turma de Ensino Médio (2º ano) no turno vespertino. A proposta terá 07 encontros, denominados de aulas, com duração de aproximadamente uma hora e quarenta minutos cada encontro. Esses encontros correspondem a duas aulas seguidas para a mesma turma.

Durante as aulas, foram discutidos vários aspectos do esporte como sua historicidade, sua representação econômica e social, sua cultura assim como suas manifestações.

Foram abordados nas aulas, a história e a origem dos esportes, o processo de esportivização e desesportivização, a influência da mídia na evolução e as mudanças nos esportes, o “esporte na escola” e o “esporte da escola”, a classificação dos esportes segundo sua lógica interna e o esporte em outras culturas. Em um último encontro, realizamos a avaliação da UD pelos alunos, a avaliação do professor também pelos alunos e pelo próprio professor por meio de autoavaliação, assim como a autoavaliação dos alunos.

Cada aula ministrada contou, em sua grande parte, com três momentos. O primeiro momento fora sempre realizado em sala de aula, com exceção da aula sobre a classificação dos esportes que iniciou e terminou na quadra de esportes da escola. Nesse momento aconteceram as aulas expositivas com material audiovisual

(vídeos e slides) e exposição teórica do conteúdo pelo professor. Essas aulas levavam de 25 a 35 minutos.

O segundo momento das aulas aconteceu na quadra de esportes, e por uma vez, quando confeccionaram cartazes sobre o tema “esporte na escola” e “esporte da escola”, foi realizado nas mesas do refeitório da escola. Esses momentos serviram para consolidar a teoria trabalhada na aula expositiva através de vivências motoras sobre o tema de cada aula. Com tempo aproximado entre 30 e 45 minutos.

O terceiro momento foi realizado na sala de aula, na sala de informática e também na própria quadra, mas não com todos os alunos, pois se tratavam dos grupos focais. Nos grupos focais, apenas seis alunos participaram, a cada aula e os demais alunos terminavam o restante das aulas na quadra da escola com alguma atividade recreativa e logo em seguida o intervalo para o recreio. Para os grupos focais levamos entre 15 a 20 minutos.

### Aulas 01 e 02

Escola Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os Esportes	Duração da aula: 1 hora e quarenta minutos
Conteúdo Específico: História dos Esportes e das modalidades esportivas	
Objetivo: reconhecer que o esporte (fenômeno) e as modalidades esportivas têm uma história, uma origem que lhe dá sentido e significado, especificamente na parte prática da aula os alunos vivenciarão um dos primeiros esportes a ser praticado, uma luta medieval e também a primeira forma conhecida de se praticar o voleibol, o Mintonette.	
Materiais e espaços: Computador e projetor da escola, bolas de plástico, bola de voleibol, rede de voleibol, caixas de pizza, barbantes e coletes, as aulas serão na quadra da escola (prática) e na sala de aula	

(teórica).

Procedimentos: Inicialmente haverá uma aula expositiva com vídeos (Origem dos esportes, link: [https://www.youtube.com/watch?v=3X\\_3Wo6-mtl](https://www.youtube.com/watch?v=3X_3Wo6-mtl), Lutas medievais como esporte link: (<https://www.youtube.com/watch?v=xroC6Cd4Wvs>), e história do voleibol (<https://www.youtube.com/watch?v=3WKMANqD6k8>), e slides que abordarão a origem da palavra esporte e qual foi o primeiro esporte.

No segundo momento da aula, já na quadra da escola, os alunos vivenciarão uma luta medieval com “Mangual e escudo” feitos pelos próprios alunos utilizando bolas de plástico, barbante, sacolas e caixas de pizza.

Avaliação: No final da aula faremos uma roda de conversa com todos os alunos e discutiremos o tema abordado.

Primeiramente gostaríamos de esclarecer, novamente, o porquê de as aulas serem duplicadas. Essa turma possui o que chamamos aqui em nossa região de “aulas geminadas”, que são aulas do mesmo conteúdo em sequência, especificamente nessa turma as aulas eram no segundo e terceiro períodos de aula. Concluindo, o que chamaremos de encontro nessa parte da pesquisa constitui-se de duas aulas de 50 minutos, totalizando 01 hora e 40 minutos, como descrito no plano de aula.

Esse primeiro encontro teve como tema central a história dos esportes e das modalidades esportivas e tem por objetivo reconhecer que o esporte como fenômeno possui uma história, uma origem. Assim como nos traz Melo e Fortes (2010), citando Bordieu (1983) sobre o surgimento do termo “esporte”.

Originária do francês antigo “disport”, a palavra “sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual. Para ser mais preciso, é nesse momento que se configura o campo esportivo conforme hoje o conhecemos. (BOURDIEU, 1983 apud MELO e FORTES, 2010, p. 12).

A fim de justificar a temática deste encontro, vamos, além de todos os autores já citados no referencial teórico, nos remeter aos preceitos de González, Bracht, Caparroz e Fensterseifer (2014) que escrevem a respeito da presença do esporte

nas aulas de educação física escolar, através de propostas diferenciadas ou inovadoras, as quais os autores entendem que, com relação às aulas de educação física escolar, “o esporte passa a ser tematizado como um conteúdo da disciplina e não mais como um fenômeno que apenas é reproduzido no espaço escolar com base nos códigos de outras instituições”.

Importância vê-se também presente na fala de um dos alunos, que diz ter sido essencial ter conhecido duas modalidades que nunca tinham visto a luta medieval e o mintonette.

**Figura 2: Alunas praticando luta medieval**



**Fonte:** Arquivo pessoal do pesquisador

*Aluno 1: “Ah eu achei interessante o tema de hoje, que é a luta medieval e o vôlei, até então nunca tinha visto a luta medieval e foi muito bom ter visto a origem também do vôlei que foi o mintonette”. (16 anos)*

Respondendo à primeira categoria de análise das narrativas dos alunos que corresponde à questão “como está sendo o tratamento pedagógico do esporte na escola”, podemos encontrar alguns indícios relevantes de como era tratado o conteúdo esporte dentro das aulas de educação física. Encontramos falas do tipo: “Ah! Só voleibol, só futebol, só futebol...” e também “só aquele jogo, só aquilo, acaba

*não mudando muito.* Essas falas traduzem o que os alunos enxergam das aulas de educação física voltadas para o ensino dos esportes, que se resumiam em jogar algumas modalidades esportivas, e também na condição profissional em que o docente (professor-pesquisador) se encontrava, uma vez que o mesmo foi professor da turma em anos anteriores.

As falas dos alunos, além de demonstrar o desinvestimento pedagógico do docente, também refletem outro fator muito relevante ao tratamento pedagógico do esporte que é a presença relativamente grande do conhecido quarteto fantástico do esporte, futsal, handebol, voleibol e basquetebol.

*Aluno 3: “é uma coisa nova pra gente, isso é bom, porque ficar numa mesmice acaba uma hora que fica chato, monótono, aí ninguém gosta mais. Aí quando traz coisas novas a galera anima a praticar.” (17 anos)*

Outro fator importante de se frisar na fala acima é a questão do “praticar um esporte”, mesmo reconhecendo a importância dos conceitos relacionados ao esporte, como a história, os alunos ainda têm uma ligação maior com a prática. Mas ora, convenhamos, isso não seria nenhuma novidade devido à forma de ensinar em nosso conteúdo e que a nosso ver é primordial e característico da Educação Física.

O intuito dessa UD não é propor um tipo de metodologia que empregue apenas o conceito dos esportes em aulas teóricas e nem que as aulas práticas sirvam de muleta para ensinar algum conceito. A harmonia entre teoria e prática é o que pode levar a Educação Física escolar ao patamar que se espera.

Respondendo à segunda questão desta análise que consiste em revelar as impressões, expectativas e significados que os alunos tinham e agora têm sobre o esporte, nos remetemos aos autores já citados como Gallatti (2006), Ribas (2005) e o Coletivo de Autores (2012) que concordam que o esporte como fenômeno social, cultural, econômico e político demanda de compreensão dos seus mais diversos sentidos e significados.

Com relação a esses fatores correspondentes à segunda questão dessa análise, podemos abstrair das falas uma satisfação em estar participando pela primeira vez de aulas contextualizadas sobre o esporte, diferente do que era quando

se trabalhava de forma tecnicista e até mesmo do quadro mais atual do abandono do trabalho docente.

*Aluno 1: “Eu nunca tinha visto a mintonette e foi interessante conhecer as raízes de como surgiu o vôlei, e foi muito bom que ter praticado aqui, foi muito interessante praticar aqui com meus amigos e para a próxima aula eu queria ter do mesmo jeito...” (16 anos)*

Podemos perceber que nessa fala está explícita a vontade de aprender mais e também o prazer manifestado por aprender algo novo. Interessante mostrar o quanto o ser humano está disposto a aprender, mesmo quando saem da sua zona de conforto que nesse caso se traduz ao “jogar por jogar” sem contexto e sem significado. O mesmo aluno complementa assim:

*A1: “é muito relevante a gente sair aqui com conhecimento a mais e não ao menos só praticar um esporte, mas sim ter o conhecimento do Esporte. ”*

Analisando essa última narrativa citada, debruçaremos olhares também para a terceira questão dessa análise, que versa sobre o ensino dos saberes conceituais do esporte, que foi uma das tônicas dessa UD. Essa narrativa mostra que a satisfação do aluno está além do praticar, está no adquirir um conhecimento (saber conceitual) que antes não possuía. Fator que encontramos nesta próxima narrativa.

*Aluno 2: “A gente nunca tinha tido este tipo de aula, esses tipos de jogos, e deu pra entender um pouco mais sobre os esportes, como foi cada época”. (16 anos)*

Aqui a aluna descreve o saber conceitual histórico que teve das modalidades, conceito esse que não teve como palco do ensino/aprendizagem a sala de aula, quadro, giz, vídeos, apesar de ter acontecido um momento dentro de sala de aula com elementos teóricos. A aluna, como se vê, atribui à aquisição desse conhecimento histórico às atividades realizadas na quadra. Bom, não quero aqui afirmar que esse conceito seria adquirido se fizéssemos somente a parte prática da aula, acredito que as duas partes foram relevantes e se complementaram, mas no frio da análise da narrativa dessa aluna percebemos, quando ela diz, “esses tipos de jogos” que para ela o conhecimento fora adquirido na aula prática.



Para finalizar essa primeira análise, pautaremos em algumas narrativas expressas no diário de bordo do professor-pesquisador. Neste percebemos certo desconforto inicial dos alunos ao iniciarem a aula dentro de sala, um aluno chegou a comentar, logo no início da aula, que “era chato ficar na sala”, tendo esse aluno indagado algumas vezes sobre o horário que iria para a quadra.

Sinteticamente, para o professor-pesquisador, a aula transcorreu com normalidade, havendo um desconforto inicial, mas passageiro na aula expositiva e uma participação contundente na aula prática, mesmo com quatro alunos se recusando a participar diretamente, não fazendo as atividades, no entanto ficaram o tempo todo presentes no local das atividades prestando atenção e auxiliando nas fotografias da aula.

Percebemos também que o interesse pelas novas atividades foram os pontos de destaque da aula o que gerou narrativas muito positivas quanto à metodologia, por isso não podemos afirmar que os alunos realmente gostaram da aula como um todo ou somente das novas atividades propostas.

#### Aulas 03 e 04

Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os Esportes	Duração da aula: 1 hora e quarenta minutos
Conteúdo Específico: Processo de Esportivização	
Objetivo: Compreender o processo de esportivização, ou seja, como uma atividade física, brincadeira ou um movimento humano virou esporte? Entender também as diferenças entre esporte e brincadeira.	
Materiais e espaços: Computador e projetor da escola, quadra da escola, peteca oficial, peteca de palha e pena, bola de meia, bola de futsal, cones e cordas.	

Procedimentos: Aula expositiva em sala de aula com vídeos (mundial de pega-pega, link: <https://www.youtube.com/watch?v=rgWBm5ud20Y>, Campeonato Brasileiro de peteca, link: <https://www.youtube.com/watch?v=IXIzY6xU3XE>, brincadeiras de peteca, link: <https://www.youtube.com/watch?v=wXEjIUOCck>, pega-pega com desconhecidos, link: <https://www.youtube.com/watch?v=28DOHnCCkbo>, e slides onde a intenção é compreender a diferença entre esportivizar e desesportivizar para que possamos passar para a parte prática que terá como objetivo esportivizar (transformar em esporte) uma brincadeira a escolha dos alunos e desesportivizar (transformar em brincadeira) um esporte já conhecido. Nesse momento, os alunos são divididos em grupos e cada grupo é responsável por esportivizar uma brincadeira e desesportivizar uma modalidade esportiva.

Avaliação: No final da aula faremos uma roda de conversa com todos os alunos e discutiremos o tema abordado.

Como já descrito no plano de aula, o tema central desse encontro foi o processo de esportivização, termo que neste contexto tem sentido diferente do que geralmente é encontrado na literatura. Não se trata do processo de esportivização da Educação Física escolar, encontrado em alguns artigos e livros como no Coletivo de Autores (1992), mas trata-se, no contexto da aula, do processo de transformar uma atividade física, uma brincadeira ou uma outra prática corporal sem cunho competitivo em esporte.

Para melhor compreender este tópico, levaremos em consideração os termos, esporte e esportivização seguindo os preceitos de González (2005, p. 170) que nos traz o conceito de esportivização sendo como o *“ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno”*. Mas, com relação a essa “transformação” o autor nos alerta que devemos considerar o termo “esporte” em um sentido mais restrito que é regido por um esporte de rendimento que visa ao desempenho máximo, tem

regras que buscam oportunizar as mesmas condições entre os adversários e são regulados por organizações responsáveis pelas normas e formas de disputa.

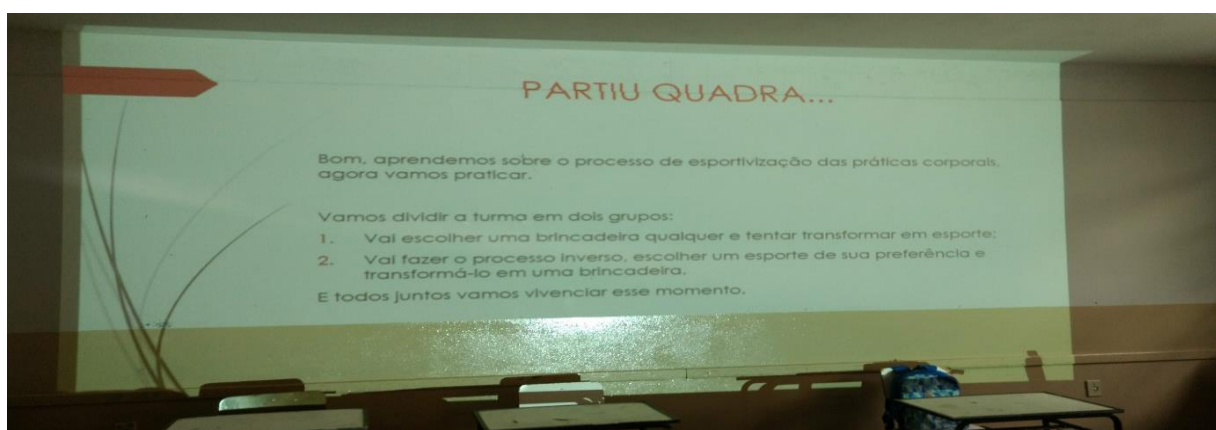
O autor ainda indica que o termo esportivização pode ser encontrado na literatura com, no mínimo, quatro sentidos distintos. Desses utilizaremos o princípio que, de acordo com o González (2005, p.170-173), seria o processo de transformação de corporais contemporâneas em esporte institucionalizado.

Entrando em nossas categorias de análise, vamos através das falas dos alunos descrever o que pensam na primeira categoria, que seria o tratamento pedagógico do esporte na escola, com isso foi perguntado aos alunos se a aula haveria cumprido o seu objetivo e as respostas foram afirmativamente unânimes e que os procedimentos também foram adequados.

*Aluno 1: “Funcionou sim, todo mundo pensou nas brincadeiras, deu pra perceber que eles entenderam...” (16 anos)*

Como falamos aqui sobre o tratamento pedagógico do esporte, percebemos pela narrativa da aluna que a apresentação desse processo se deu com sucesso, todos conseguiram pensar no objetivo da prática que seria esportivizar e desesportivizar. As atividades dentro e fora de sala pareceram suficientes para suprir o objetivo da aula, ou seja, construir e desconstruir uma prática esportiva.

**Figura 3: Slide convidando os alunos para a próxima etapa da aula**



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Com relação ao segundo tópico, foi interessante perceber que os alunos foram surpreendidos com as informações lhes repassadas, principalmente na aula expositiva. Novamente citando aqui a parte da aula que usamos o pique pega e o Parkour, como exemplo nos deparamos com uma situação que mexeu, quando foi reproduzido o vídeo do Mundial de Pique-Pega, em que os competidores tentam pegar um ao outro no menor tempo possível, um dos alunos falou que já havia assistido e ao mesmo tempo narrou que não imaginava que se tratava de um processo de esportivização do pique-pega.

Continuando no segundo tópico, uma das impressões mais significativas foi uma pequena fala de uma aluna, que na realidade é de pouca participação e que nesse dia participou de todos os momentos da aula. Ao ser perguntada sobre os pontos positivos e negativos da aula essa aluna prontamente disse:

*Aluno 2: “ah, o ponto negativo é que minha equipe perdeu”! (17 anos)*

Consideramos significativa essa narrativa por vários contextos, primeiro pelo fato do sentimento de derrota, que por mais que tenha sido expressado como algo negativo foi perceptível que se tratava mais de uma palavra descontraída do que um sentimento de tristeza, e segundo que com essa ambiguidade sentimental percebemos que também ela interiorizou o que pensamos sobre o esporte na escola, ou seja, traduziu que o que realmente fora importante foi a aquisição do conhecimento dentro da aula, podendo ser confirmada em outra narrativa da mesma aluna.

*Aluno 2: “Foi positivo porque todo mundo pensou no que torna um esporte uma brincadeira e uma brincadeira num esporte”. (17 anos)*

Com essa mesma narrativa, podemos falar do terceiro tópico, vimos que o saber conceitual foi adquirido, uma vez que ela consegue distinguir e entender o processo de esportivização e desesportivização. Outras narrativas corroboram com essa aquisição do saber conceitual. Evidentemente que alguns pontos não foram assimilados, alguns alunos acabaram, em alguns conceitos, se confundindo e misturando os próprios conceitos, como por exemplo, a questão de que para ser esporte tem que ter regras e ter competição.

*Aluno 1: “uma brincadeira para se tornar esporte tem que ter as suas regras, tem que ter competição oficial” (16 anos)*

Confusão detectada durante a entrevista, mas que fora solucionada após o término, de modo que não causasse interferência no pensamento dos alunos.

Em outro momento percebemos, para finalizar essa aula, a narrativa de um aluno que demonstrava a relevância das três categorias elencadas para essa análise. Essa narrativa realça a importância de um tratamento pedagógico diferenciado do esporte na escola, evidenciada neste trabalho pelo ensino pautado na lógica externa do esporte, assim como os sentimentos e significados do aprendizado de um saber conceitual, e que vem ao encontro dos preceitos do movimento renovador da década de 80, que assim como indica Carlan (2018, p.31) apesar de mal interpretado e mal compreendido com relação ao ensino esporte, as críticas eram nas metodologias empregadas nas aulas de Educação Física Escolar e não do esporte como fenômeno.

*Aluno 5: “...ninguém tinha essa noção do que tornava uma coisa num esporte, o que diferenciava o esporte de uma brincadeira”. (17 anos)*

Quando o aluno narra que “ninguém tinha noção”, o mesmo reflete a inoperância dos métodos de trato pedagógico praticada anteriormente, não só no ensino, mas principalmente no planejamento e na escolha dos objetivos das aulas, esta denominação do “ninguém” demonstra que até hoje, na penúltima etapa da educação básica, nunca fora pensado trabalhar essa mínima diferenciação entre esporte e brincadeira.

### Aulas 05 e 06

Escola Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os Esportes	Duração da aula: 1 hora e quarenta minutos
Conteúdo específico: Esporte e Mídia – Mudanças de algumas regras influenciadas pela mídia e influências positivas e negativas da mídia no esporte.	

<p>Objetivo:</p> <p>Compreender a relação entre o esporte e as mídias (impresas, eletrônicas e digitais) e a influência que elas trazem para os esportes, tal como a mudança de regras no sistema de pontuação no voleibol e as possíveis vantagens que as mídias podem trazer para o esporte.</p>
<p>Materiais e espaços:</p> <p>Computador e projetor da escola, Bolas e rede de voleibol, pranchetas, papel e caneta para marcação dos pontos. Súmulas antigas e atuais de voleibol.</p>
<p>Procedimentos:</p> <p>Realizar aula expositiva com slides e vídeos (reportagem record jogo de vôlei no maracanã, link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=kKnOO1H104">https://www.youtube.com/watch?v=kKnOO1H104</a>, evolução do voleibol, link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Vwgx1YyngWg">https://www.youtube.com/watch?v=Vwgx1YyngWg</a>, influência da mídia no esporte, link <a href="https://www.youtube.com/watch?v=2LHZ2vVh_u4">https://www.youtube.com/watch?v=2LHZ2vVh_u4</a>.</p> <p>Logo após, ainda dentro de sala de aula, dividir a sala em dois grupos aleatórios e pedir que cada grupo defenda seu ponto de vista sobre a influência (negativa/positiva) das mídias nos esportes e também realizar a contagem de pontos vendo um jogo no computador.</p> <p>Na quadra da escola fazer um jogo de voleibol com a contagem de pontos antiga. Dividir três equipes, quartetos, enquanto dois quartetos jogam, o terceiro quarteto faz a contagem dos pontos da forma que era utilizada antigamente, com vantagem.</p> <p>Avaliação: No final da aula faremos uma roda de conversa com todos os alunos e discutiremos o tema abordado.</p>

As aulas 5 e 6 que correspondem ao terceiro encontro e teve como tema principal a influência da mídia nos esportes, cujo principal objetivo era refletir como a imprensa, internet, transmissões ao vivo, ou seja, todo mecanismo que se refere à

mídia interfere nas regras, nas características e até mesmo nas competições oficiais das modalidades esportivas.

De posse dessas informações, na aula expositiva foram reproduzidos para os alunos três vídeos relativos ao tema sobre a influência da mídia no esporte, a evolução do voleibol e por último um vídeo com o jogo da seleção brasileira no estádio do Maracanã, ainda em sala de aula os alunos realizaram a contagem de pontos de um jogo de vôlei com vantagem e outro sem vantagem. Após a aula expositiva, os alunos foram para quadra onde vivenciaram o voleibol como era antes do ano de 2000 e também como ele é jogado atualmente, e enquanto duas equipes jogavam outra equipe marcava a pontuação dos jogos, uns no modelo antigo e outros no modelo atual.

Após essa dinâmica, foram comparados os resultados de cada súmula, para cada jogo de acordo com o modelo de pontuação, situação em que os alunos puderam perceber a diferença de pontuação de um modelo para o outro e fazendo assim a ligação com o que fora conversado durante a aula em sala: a longa duração dos jogos de vôlei com contagem de pontos com vantagem do saque.

**Figura 4: Alunos fazendo a contagem de pontos pelo computador de um jogo com vantagem e de um jogo sem vantagem.**



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Com relação ao primeiro tópico da análise, o tratamento pedagógico do esporte, assim como nas aulas passadas, foi percebido nas falas dos alunos como novidade,

da forma de se ver um conteúdo que eles já conhecem nesse caso o voleibol, por outra vertente.

*Aluno 4: “Foi bom, assim, trouxe mais novidades, informações”. (18 anos)*

Outro ponto que chamou a atenção, ainda com relação à didática/metodologia de ensino, foi o elogio de um dos alunos quando perguntado sobre os pontos positivos e negativos da aula dada.

*Aluno 1: “Ponto positivo? A explicação! A explicação foi maneira”. (16 anos)*

E o mais relevante dessa fala não é apenas o elogio sobre essa aula específica, mas um elogio construído a partir de didáticas e pedagogias diferentes com relação ao trato com o ensino do esporte, frisamos isso, pois este mesmo aluno que elogiou a metodologia foi o que falou que era chato ficar dentro de sala e que insistia em perguntar o horário da ida para a quadra.

Importante ressaltar esse momento da pesquisa, pois se trata de uma quebra de paradigma já inserido no pensamento dos alunos com relação às aulas de Educação Física e, principalmente, no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.

Como em toda aula, nós sorteamos os participantes dos grupos focais, este grupo não foi tão reativo às perguntas, confessamos não saber se por timidez por parte dos alunos ou por falta de tato do professor-pesquisador em moderar o grupo, devido a isso não foram destacadas tantas narrativas. Sendo assim, aproveitaremos a mesma narrativa anterior, que a nosso ver é bastante significativa, para exemplificar e analisar o segundo tópico relativo às impressões, expectativas e significados.

Para o terceiro e último tópico, que trata do ensino conceitual do esporte, podemos analisar no que diz respeito à mudança de regras no voleibol, os conceitos foram bem apreendidos, todavia com relação à influência da mídia nos esportes parece não ter sido contemplada inteiramente. Apesar de termos uma narrativa que versa sobre a mídia, as outras falam sobre as mudanças da regra somente, sem fazer essa ligação com a mídia, como veremos a seguir.

*Aluno 6: “Teve influência, porque se o jogo demorasse como antigamente a mídia não queria pegar nenhum jogo para passar, ia ter que cancelar vários*



*programas da noite pra passar, pois só um jogo poderia demorar duas horas, três horas”. (17 anos)*

*Aluno 4: “Acho que não, porque não ajudou tanto como ajudava antigamente”. (16 anos)*

Aproveitamos também uma narrativa do primeiro tópico para finalizar este último, quando uma aluna cita que a aula trouxe novidades ela tratava não só da metodologia, mas também falava sobre informações, saberes conceituais que foram adquiridos no referido encontro.

**Aulas 07 e 08**

Escola Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os Esportes	Duração da aula: 1 hora e quarenta minutos
Conteúdo específico: Esporte na Escola e Esporte da Escola	
Objetivo: diferenciar as atividades esportivas realizadas dentro da escola, seja nas aulas de educação física, nos intervalos e outros tempos das atividades esportivas praticadas em locais, data e horários específicos, com regulamentos e regras de federações, ou seja, o esporte institucionalizado e de rendimento. Saber diferenciá-los e aplicar esses conceitos no cotidiano.	
Materiais e espaços: área externa da escola ou fora da escola (praça), textos para reflexão, materiais escolares dos próprios alunos, folhas de cartolina ou papel pardo, pincéis atômicos.	

Procedimentos:

Realizar a leitura de um texto que exemplifique o tema, discutir com os alunos as diferenças, dar exemplos das duas categorias de esporte e depois confeccionar, em grupos, regulamentos e/ou regras para um esporte da escola como, por exemplo, o jogo de futebol dois contra dois no cantinho da escola na hora do recreio.

Avaliação: No final da aula faremos uma roda de conversa com todos os alunos e discutiremos o tema abordado.

Uma vez que esse tema fora parte do texto escrito neste estudo, seu estudo e apresentação aos discentes também se faz necessário, e assim foi realizado e agora analisado dentro dos moldes propostos neste estudo.

**Figura 5: Alunos fazendo a leitura do texto “Educação Física e Esporte: Esporte na Escola e o Esporte da Escola nas aulas de Educação Física**



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Neste encontro, os alunos, após aula expositiva, foram direcionados a ler um texto sobre o tema. O texto escolhido foi “Educação Física e Esporte: Esporte na

Escola e o Esporte da Escola nas aulas de Educação Física” dos autores Pires F.P., Abreu J.R.G. e Franca R.G., publicado no site [www.fdeportes.com](http://www.fdeportes.com), ano de 2016. Este texto foi escolhido por tratar do assunto referente à aula de forma direta e com linguagem adequada aos alunos.

Após a leitura conjunta e depois individual do texto, os alunos e o professor-pesquisador debateram o assunto, dúvidas foram tiradas e posicionamentos sobre o assunto foram explanados. Ao final do debate, foi proposto aos alunos que, considerando os debates e a leitura do texto sobre o tema, elaborassem um material a ser exposto na escola.

A proposta foi a confecção de cartazes com regras do “esporte na escola” e regras do “esporte da escola”, ou seja, se a modalidade escolhida foi o voleibol os alunos deveriam confeccionar um cartaz com as regras básicas do vôlei e em outro cartaz os alunos escreveriam as “regras” do vôlei jogado na escola, sem intervenção, praticados antes das aulas, nos períodos vagos, recreio e por vezes também jogado nas aulas de Educação Física.

Assim feito, os alunos compuseram o grupo focal final que analisaremos agora.

Seguindo nossas categorias, no primeiro momento foi direcionado para o tratamento pedagógico do esporte nas aulas, para isso destacamos uma narrativa que, além de fazer parte dessa categoria, poderia também abranger todas as outras duas categorias. Nessa narrativa, após ser indagada sobre o alcance dos objetivos durante a aula, uma aluna expôs seu conhecimento conceitual sobre o tema, o significado que o tema trouxe individualmente a ela e também o tratamento diferente que o professor-pesquisador teve com o ensino do esporte.

*Aluno 3: “Ah, tipo, é tipo o que você falou. É para não excluir ninguém, para todo mundo brincar. Igual eu, eu não jogo futsal com os meninos porque eles acabam fazendo do jeito certo, e eu não sei, então é melhor eu ficar quieta no meu canto e deixar eles brincar lá, mas os que a gente modifica dá para geral brincar”. (Menina – 17 anos)*

Considerando o primeiro tópico da análise, percebemos que utilizar o tema “Esporte na Escola e Esporte da Escola” foi uma estratégia interessante que levou os alunos a pensarem suas realidades e a conseguirem diferenciar um “esporte do

outro”. Pensar nessa diferença fez com que essa aluna atentasse para o sentido de que o esporte feito dentro da escola, com regras modificadas de acordo com a realidade da turma parece ser mais democrático, isso pode ser confirmado quando disse: *“dá pra geral brincar”*.

Acreditamos que a própria escolha do tema para aula foi acertada e possibilitou que os alunos compreendessem bem o recado dado na aula. Um ponto que podemos discutir, ainda sobre a didática e metodologia da aula, é a questão da estratégia e da execução da aula. A escolha de se abordar esse tema de uma forma mais teórica, ou seja, sem aula com movimento corporal não foi totalmente aceita. Nessa aula os alunos foram para quadra, só que não fizeram atividades corporais como as demais aulas dessa unidade didática. A leitura do texto e a confecção dos cartazes foram feitas na quadra da escola, na arquibancada, melhor dizendo.

Essa estratégia causou, não durante o grupo focal, mas durante a própria aula, algumas indagações sobre o fazer corporal, por exemplo: “e na quadra, vamos fazer o quê? É só escrever hoje”? Mas uma fala se destacou, pois diz respeito a toda a metodologia empregada na unidade didática. Um dos alunos disse:

*Aluno:1 “Poxa Professor! Num dava pra fazer igual nas outras não? Um joguinho depois?”(16 anos)*

Mesmo não se tratando de uma narrativa oriunda do grupo focal, mas presente no diário do professor, entendemos ser de grande relevância essa fala, pois trata não só da escolha metodológica para esse encontro, mas de todos. Melhor, não foi somente uma crítica à aula do dia, mas acreditamos ser um elogio à metodologia empregada nas demais aulas da UD.

Relacionadas aos significados presentes no aprendizado, além da primeira narrativa apresentada, não encontramos narrativas diretamente ligadas, mas falas soltas que corroboram o tema do segundo tópico. Porém um termo utilizado por mais de um aluno durante o grupo focal foi relevante. Por vezes os alunos se referiram ao esporte com regras rígidas e já pré-estabelecidas, com foco no rendimento (Esporte na Escola) como o “jeito certo de jogar”. Ora, como jeito certo de jogar? Jeito certo para quem? Trata-se então de um diagnóstico esportivo pautado no modelo de alto

rendimento, em que esse modelo é considerado como correto e deve ser seguido. Esse é o modelo padrão, o resto seriam invenções.

Apontar um padrão a ser seguido, um exemplo, é prática cotidiana em diversos segmentos da sociedade, da cultura, da economia e no esporte não é diferente. *Armbrust e Silva (2012, p. 286) reforçam nosso pensamento quando relatam que “a cultura ocorre na mediação entre as pessoas e por meio de padrões de significados que fazem sentido num contexto específico”.*

Tratamos, então, a análise do termo “jeito certo” de se praticar um esporte como o fragmento textual mais relevante para suprir nosso segundo tópico de análise, relativo aos significados, impressões e expectativas dos alunos.

Diferente das demais narrativas apresentadas neste texto, particularmente esta, nós apresentamos o gênero da pessoa entrevistada, trata-se de uma menina e o motivo é também analisar os sentidos e impressões da aluna, mas de uma forma em que a discussão sobre gêneros e co-educação entram em cena.

Um ponto a ser considerado, aqui, mesmo sem aprofundamentos, mas nunca descartado é a relação dos gêneros dentro do esporte. Questão relevante encontrada nos estudos de Saraiva (2005, p. 133-134) que considera que os rapazes se aproximam mais do esporte do que as moças, uma vez que, no que concerne a uma aula de Educação Física Escolar, muitas vezes pela “facilidade” encontrada pelos professores. Por vezes o professor, ao trabalhar esporte, propõe uma divisão entre os gêneros, revezando o tempo de participação durante as aulas, revezando as modalidades esportivas, mas raramente optando pela co-educação, que segundo Saraiva (2005, p. 74-75) aparece como possibilidade de desmitificar estereótipos, desigualdades e diferenças na Educação Física.

Reiteramos aqui que a discussão sobre o tema co-educação, também utilizado pela autora supracitada como “co-educação física” não é foco principal deste estudo, porém, não poderíamos deixar de destacar uma narrativa tão relevante que, sem sombra de dúvidas, seria pano de fundo para outros grandes estudos e analisá-la de forma condizente, mesmo que sucinta.

Sobre os saberes conceituais, terceiro tópico de análise, encontramos narrativas bem pertinentes que demonstram a apreensão do conhecimento conceitual por parte dos alunos. Remetendo-nos novamente àquela primeira narrativa, à qual destacamos no primeiro tópico, percebemos que naquela fala o conhecimento conceitual, para aquela aluna fora contemplado. Quando a esta diz que o esporte do jeito certo de jogar fica difícil e quando eles modificam as regras oficiais todos conseguem brincar, demonstra que houve entendimento sobre o tema proposto. Outras narrativas também foram destacadas, como:

*Aluno 6: “O esporte na escola é, tipo, o que traz, da rua pra escola. Tem suas regras, e o jeito de jogar dele é o jeito certo. E o esporte da escola é aquele que a gente joga aqui, sem regras”. (16 anos)*

*Aluno 3: “O esporte da escola é o que a gente vai modificando pra ir de acordo com a nossa realidade, tipo, as vezes não tem todos os materiais, a gente joga com os materiais que tem”. (16 anos)*

### Aulas 09 e 10

Escola Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os Esportes	Duração da aula: 1 hora e quarenta minutos
Conteúdo específico: Classificação dos esportes de acordo com González (2004) com relação à oposição e cooperação e suas subcategorias.	
Materiais e espaços: quadra da escola, bolas diversas, cones, cordas, cronômetro, raquetes, tatames.	
Objetivo: conhecer e experimentar variadas formas de esportes e aprender a classificá-las.	
Procedimentos: serão realizados dois circuitos. O primeiro em 04 categorias, individual com interação com adversário (lutas), individual sem interação com o adversário (salto em distância), coletivo com interação com o adversário (basquete em duplas ou trios) e coletivo sem interação com o	

adversário (ginástica Rítmica).

No segundo circuito faremos sete pontos para as devidas subcategorias:

1. Esportes de marca: corrida 25 metros;
2. Esportes estéticos: skate;
3. Esportes de precisão: Arco e flecha;
4. Esportes de combate e lutas: sumô;
5. Esportes de rede ou quadra dividida ou muro: badminton;
6. Esportes de campo e taco: beisebol (improvisar somente arremesso e rebatida);
7. Esportes de invasão ou territoriais: futsal realizado separadamente.

Avaliação: No final da aula faremos uma roda de conversa com todos os alunos e discutiremos o tema abordado.

Essa aula, quase que exclusivamente prática, tem a intenção de apresentar o sistema de classificação dos esportes de acordo com González (2004). Nessa classificação o autor categoriza baseado na lógica interna descrita nos trabalhos da Praxiologia Motriz.

Conhecendo essa classificação, elaboramos a primeira parte dessa aula que se divide em dois circuitos de esportes, ao iniciar propomos um primeiro circuito, após explanação teórica e leitura do artigo de González (2004) junto com os alunos na quadra. Esse primeiro circuito consistia em realizar, sucintamente, as tarefas de quatro estações, sendo que cada estação é indicada de acordo com a categorização descrita acima, individual com interação com adversário (lutas), individual sem interação com o adversário (salto em distância), coletivo com interação com o adversário (basquete em duplas ou trios) e coletivo sem interação com o adversário (ginástica Rítmica - Fitas).

Figura 6: Alunos jogando basquete em trios em um das estações propostas no circuito



Fonte: Arquivo pessoal do professor pesquisador

Baseados também na classificação de González (2004), elaboramos a segunda parte da aula que consistiu em um circuito de atividades com seis dessas primeiras sete categorias. A categoria esportes de invasão e territoriais foi retirada devido ao número de alunos, sendo realizada depois de todas as rodadas do circuito, e os esportes de translação não foram utilizados pois à época de elaboração da UD o professor-pesquisador não conhecia essa categoria.

Conhecidas as atividades propostas nessa aula podemos partir para a análise das narrativas dos alunos durante os grupos focais.

No tocante ao primeiro tópico os alunos acharam relevante tratar os esportes de acordo com esta classificação, entenderam que seria bom para eles conhecerem todos os esportes e um pouco mais sobre os mesmos.

*Aluno 5: “Foi interessante conhecer a divisão dos esportes, assim a gente conhece melhor cada um”. (16 anos)*



Chamou muita atenção, também, deles as nomenclaturas e seus significados, como por exemplo, os esportes de invasão que segundo um dos alunos o significado, após conhecer, parece tão obvio, mas nunca imaginavam isso.

*Aluno 3: “Aquele, o de invasão, tava na cara né!” (17 anos)*

Com essa narrativa podemos também abordar o segundo tópico de análise, assim como a próxima, uma vez que pudemos perceber uma maturidade por parte dos alunos quando relatam sua percepção com o trato pedagógico do esporte. Após 4 encontros, ou seja, oito aulas consecutivas eles já começaram a perceber a importância de trabalhar o esporte com também outras metodologias.

*Aluno 1: “tá sendo muito legal ver o esporte assim.” (17 anos)*

Ainda com relação à metodologia empregada na aula, mesmo os alunos admitindo ter absorvido boa parte do conhecimento, eles indicaram que a aula ficou muito corrida, com muita informação e que seria interessante dividir essas aulas, ou seja, foi relevante o conhecimento, mas a didática não agradou muito, o que o professor-pesquisador também percebeu e relatou no seu diário de bordo (campo).

*Professor-pesquisador – “Mesmo cumprindo os objetivos propostos, a dinâmica em que foi realizada a aula não agradou a todos, e nem a mim. Realmente ficou uma aula corrida e com muita informação, assim concordo com os alunos que para uma próxima aula sobre o tema seja feita uma divisão maior, possibilitando uma vivência e uma aprendizagem maior sobre o conteúdo da aula”.*

Como já abordamos as duas categorias de análise propostas, iremos agora para última de modo a mensurarmos os saberes conceituais adquiridos pelos alunos. A proposta dessa aula se baseia em conhecer e experimentar variados esportes e assim (re)conhecê-los de acordo com a classificação de González (2004), então as análises serão baseadas, neste tópico, nos saberes conceituais que os alunos obtiveram acerca da citada classificação.

No momento do grupo focal, os alunos ainda estavam, em mente, com os conceitos apresentados na aula. Mas algumas críticas surgiram com relação à metodologia empregada, como citado mais acima no relato do professor-pesquisador.

Com relação aos saberes conceituais, estes foram um pouco prejudicados pela dinâmica da aula, mas ainda que parcialmente supriu seus objetivos. Alguns conceitos foram mais fáceis de serem assimilados, como os esportes de invasão, de rede divisória e de combate, pois já fazem parte do cotidiano de boa parte da turma. Mas nomenclaturas do tipo esportes de marca, de precisão e estéticos foram mais difíceis de serem citadas durante a roda de conversa.

*Aluno 4: "o futebol e o basquete são invasão (pausa), tem o vôlei e peteca que tem rede, esses eu entendi. Ah! Tem o skate também né, aventura, né?" (17 anos)*

*Aluno 1: "todos foram muito legais de fazer, mas não lembro de tudo..." (16 anos)*

*Aluno 6: "entendi que tem esportes de um e coletivo, e que pode ter contato com alguém ou não." (16 anos)*

Observando as narrativas acima se percebe que os alunos até assimilaram alguns conceitos, mas que houve falhas na dinâmica da aula, principalmente por conter muita informação durante apenas duas aulas seguidas.

Conceitos como esportes individuais, coletivos e esportes de rede, invasão e combate foram os mais citados, um ou outro lembrou os demais. Na verdade, os alunos lembraram de todos os esportes que praticaram, mas não conseguiram memorizar a classificação de cada um. Por isso entendemos que no que remete a esse tópico da análise, os objetivos foram parcialmente alcançados, muito devido à metodologia empregada. Fica a dica para a próxima aplicação desta UD pelo professor-pesquisador ou, também, pelos leitores deste estudo.

### Aulas 11 e 12

Escola Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os	Duração da aula: 1 hora e quarenta

Esportes	minutos
Conteúdo específico: Esporte e culturas	
Materiais e espaços: sala de vídeo, computador e projetor da escola, quadra da escola, rede de vôlei e bolas de borracha.	
Objetivo: Conhecer diversos esportes de culturas diferentes através de vídeos, e vivenciar alguns deles, discutir a cultura local e os esportes praticados na mesma.	
<p>Procedimentos:</p> <p>Iniciar com vídeos na sala de aula para mostrar aos alunos os diversos esportes praticados pelo mundo, e também os esportes já conhecidos e característicos de cada cultura.</p> <p>Praticar dois esportes diferentes (de forma adaptada), o Sepaktakraw e o Dodgeball.</p> <p>Avaliação: No final da aula faremos uma roda de conversa com todos os alunos e discutiremos o tema abordado.</p>	

Ao denominarmos o tema dessa aula de “Esporte e Culturas” buscamos adentrar durante a execução do mesmo nos universos culturais das mais diversas regiões, não só nacionais, como mundiais. Abordar o tema cultura dentro das aulas de Educação Física escolar ou até mesmo em outras disciplinas escolares é um grande desafio, principalmente quando pretendemos definir seus significados no plural.

Pretendemos entender a diversidade de modalidades existentes em cada cantinho deste mundo como práticas únicas e com sentido e significado para cada um dos indivíduos, povos, comunidades que as praticam.

Então assim como Neto *et al.* (2011) que em seus estudos sobre as TIC’s e suas possibilidades apresentaram e vivenciaram diversas modalidades esportivas para seus alunos, aqui apresentamos, de forma mais sucinta, uma prática semelhante. Conhecer teoricamente as diversas modalidades esportivas existentes ou pelo menos boa parte delas e vivenciar duas delas o Dodgeball e o Sepaktakraw.

Para melhor entendimento faremos, neste texto, uma breve explanação sobre essas duas modalidades.

O Dodgeball é um esporte da cultura norte americana e que aqui se assemelha muito com uma prática corporal bem difundida em nossas escolas, a queimada, como é chamada em nossa região. Para compreender um pouco da história deste esporte no remetemos a Mazzoni (2016, p.5) que diz ser um jogo que surgiu por volta de 4000 anos antes de Cristo, na China, onde não se usavam bola e sim cabeças decapitadas de inimigos, mas que no ano de 1833 foi modernizado e trazido aos moldes como conhecemos hoje por Hagerson Augustus.

*O Dodgebol nada mais é do que a maneira competitiva de jogar queimada com regras bem definidas. O esporte com regras oficiais ocorre em uma quadra dividida em 2 lados centrais que formam a zona neutra e de ataque. Cada equipe no Dodgeball é composta de 6 a 10 jogadores, sendo que, seis deles estarão em quadra e os outros quatro serão os reservas. Para iniciar uma partida, cada equipe deve ter no mínimo quatro jogadores em quadra. Os reservas somente poderão entrar na partida durante o tempo limite de jogo ou em caso de lesão. Importante ressaltar que cada equipe deve ter o mesmo número de homens e mulheres no mesmo jogo. (MAZZONI, 2016, p. 6)*

Outra modalidade experimentada pelos alunos foi o Sepaktakraw, originado na Malásia há mais de 500 anos. Essa modalidade mistura fundamentos do futebol, regras do vôlei e técnicas semelhantes às artes marciais.

De acordo com sua lógica interna, o Sepaktakraw é considerado um esporte de rede divisória, segundo Bracht e González (2012, p. 25-26) o sepaktakraaw é um esporte que se assemelha em objetivo de jogo e forma de jogar ao vôlei, futevôlei, vôlei de praia, pois “tanto dá para devolver a bola direto quanto dá para fazer passes entre os companheiros de equipe”. Essa modalidade tem chamado bastante atenção de brasileiros, principalmente, os que dominam a Capoeira e os fundamentos do futebol e/ou futevôlei.

Figura 7: Alunos e professor-pesquisador praticando o Sepaktakraw.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Essa modalidade foi selecionada para essa aula, claro, além de sua referência cultural, pela interação aluno/professor durante as aulas de educação física. Em uma aula de futevôlei, na mesma escola onde este estudo foi realizado, um aluno relatou ter assistido a um jogo parecido na internet, mas que os praticantes não usavam bolas e sim cocos, mais tarde o mesmo aluno, via rede social, o link do esporte citado, e se tratava do Sepaktakraw, dica aceita e realizada na aula seguinte. Tal fato acendeu a curiosidade de outros alunos que pediram para fazer também, e assim foi feito, tanto nas aulas quanto nesta UD.

Voltando ao texto agora para nossa análise, em relação ao tópico, trato pedagógico do ensino do esporte, nos remetemos a Vago (1996, p. 1) que dialogando com Bracht (1992) entende que a escola deve procurar produzir a própria cultura esportiva e não reproduzir a cultura esportiva hegemônica, assim fizemos, mesmo trazendo duas modalidades já institucionalizadas para a aula, na

hora de sua experimentação nos pautamos nas vivências anteriores dos alunos para melhor conduzir as atividades propostas, tal como vimos no momento de realizar o sepaktakraw. Nesse momento, experimentamos a modalidade “do jeito que deu”, fizemos alguns movimentos similares como os saques e os ataques, mas não tivemos participação efetiva de todos os alunos. Muitos por receio de não conseguir e outros por vergonha de fazer errado, foi comum escutar: “Ah, isso não dá para fazer”.

*Aluno 5: “Ah, no Sepaktakraw foi difícil. Muito doido os movimentos...” (17 anos)*

*Aluno 1: “eu consegui só jogar a bola pra o outro sacar”. (16 anos) “*

Essas narrativas estavam presentes nas entrevistas do grupo focal, no momento em que se perguntou isoladamente sobre as duas modalidades vivenciadas. Destaque para a segunda narrativa, aluno 1, que fala sobre o movimento de saque, pois no sepaktakraw o saque é realizado com um companheiro jogando a bola para o alto e um outro golpeando com os pés para o outro lado da quadra.

Mesmo os alunos percebendo que se tratava de movimentos de difícil execução, ainda assim alguns tentaram e se adequaram ao que dava para fazer. Importante frisar que, mesmo neste momento, essa vivência não foi experienciada por todos. O interesse foi grande e todos estavam perto do local onde ocorria a prática, nada de arquibancada. Isso é importante, pois não se tratava de uma aula com o objetivo de ensinar a fazer e sim o ensinar sobre o fazer.

Outro ponto relevante é a percepção de que os alunos tiveram sobre o esporte, vendo-o como aspecto cultural, concordando com o pensamento de estruturação dessa aula, assim como nos traz o Coletivo de Autores (2012, p. 32-37) sobre os princípios de seleção dos conteúdos., A relevância social do conteúdo estava presente nessa aula, pois os alunos perceberam ser relevante conhecer esportes de outras culturas assim como identificar esportes que fazem e já fizeram parte da cultura da própria comunidade.

*Aluno 2: “Foi legal ver na internet os esportes diferentes...” (17 anos)*

*Aluno 1: “Aqui em Alvorada temos muito futebol hoje, mas já teve corrida de bicicleta até Carangola, o pai da professora Ana (fictício) que organizava”. (16 anos)*

A discussão sobre a cultura esportiva na comunidade foi um dos pontos positivos dessa aula, tivemos discussões sobre o que se pratica hoje dentro da comunidade e o que já foi praticado, assim como a necessidade de despertar o interesse das pessoas de lá para outras práticas corporais.

Ainda com relação à parte metodológica da aula, uma fala remeteu mais a participação na prática, o fazer da aula. Além do Sepaktakraw, os alunos praticaram também o Dodgeball, e como este se assemelha com o jogo de queimada que os alunos já estão ambientados, o fazer prático foi mais fácil e a participação foi total. Algumas narrativas levaram em consideração apenas o fazer por fazer da aula, não se importando para os saberes conceituais (terceiro tópico de análise)

*Aluno 6: “Ah, o da queimada lá foi bom, o outro não quis porque era muito difícil, podia ter trazido outro mais fácil de fazer”. (16 anos)*

Para o segundo tópico de análise, trago novamente a fala sobre a competição de bicicleta que acontecia e não mais acontece na comunidade, essa fala traduz o real significado da cultura esportiva para esses alunos. É uma cultura transitória e que depende da força de vontade de vários agentes da própria comunidade para continuarem existindo.

Fora do grupo focal, mas registrado em diário de campo, um aluno comentou sobre um esporte que também fazia parte da cultura local, o voleibol, jogado na pracinha e também em um clube que hoje não existe mais, nesse momento o aluno citou até o próprio professor-pesquisador.

*Aluno: “Professor, tenho um tio que já jogou vôlei com você, ali onde era a piscina”. (17 anos)*

A percepção do aluno ao se remeter a um passado e a um comentário de um parente sobre um esporte realizado corrobora com os objetivos dessa aula de fazer com que o aluno perceba que cada local possui sua cultura e que as culturas são diferentes de acordo com o local, assim como também pode ser temporária.

Concluimos, então, que fora atingido, dentro dos 3 tópicos de análise, o objetivo central dessa aula.

### Aulas 13 e 14

Escola Estadual Nascimento Leal	Professor: Ernesto José Dutra
Disciplina: Educação Física	Seguimento: Ensino Médio
Unidade Didática: Estudos Sobre os Esportes	Duração da aula: 1 hora e quarenta minutos
Conteúdo Específico: Avaliação da UD	
Objetivo: Avaliar a unidade didática de forma geral, uma vez que a cada aula também foi realizada uma avaliação.	
Materiais e espaços: bloco de notas e quadra da escola.	
Procedimentos: Ir para a quadra da escola ou em outro local externo da escola, realizar um pequeno lanche com os alunos e posteriormente fazer uma avaliação em forma de roda de conversa sobre a unidade didática, o papel do professor e dos alunos também será avaliado e autoavaliado.	

Nesse último encontro (aulas), o tema central é a Avaliação da Unidade Didática (UD), uma avaliação geral pautada no objetivo geral da elaboração dessa UD que era elaborar uma proposta em que o esporte fosse tratado pedagogicamente a partir de sua historicidade, suas mudanças e evoluções, classificação, influência da mídia, entre outros pontos a serem estudados e vivenciados pelos alunos.

Pensar em um encontro somente para a avaliação geral foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo, apesar de realizarmos uma avaliação a cada



encontro da UD, a partir dos grupos focais e das rodas finais de conversa, esta avaliação final nos fez enxergar a real importância desta pesquisa.

No caso deste estudo, não avaliamos os alunos participantes, mas o contrário, eles avaliaram a UD, o professor-pesquisador e a seguir foram convidados a fazer uma autoavaliação. Para realizar esse processo, convidamos os alunos a participarem de um lanche no campo perto da escola, com a intenção de finalizarmos nossa UD. Após o lanche, realizamos um bate-papo, que aqui também chamaremos de grupo focal com todos os participantes e gravamos essa conversa/entrevista. Diferente das outras análises, aqui mostraremos as falas, sem descrever qual aluno, uma vez que se trata da análise de uma conversa, então selecionamos falas para exemplificar nossas considerações.

*Narrativa 1: Bom eu gostei bastante, das aulas, e acredito que todos tenham gostado, né, porque foram aulas bem interessantes e diferentes, tivemos novos aprendizados, né, através desse conteúdo que modificou nossa rotina de aulas que estávamos acostumados né, e pena que não deu tempo de ter mais aulas como essas”.*

*Narrativa 2: “As aulas que o professor deu foram bastante completas porque ele tirou um tempo para gente aprender sobre aquele esporte, saber como surgiu e onde surgiu”.*

*Narrativa 3: Foi uma aula assim, que teve bastante complemento, porque muitas vezes a gente pratica um esporte e não sabe a regra eu ele tem as vezes a gente pratica até do jeito errado. Foi uma aula onde a gente pode aprender o esporte que a gente tá praticando.*

Com essas narrativas podemos confirmar a relevância que teve a aplicação desta UD para essa turma, termos como “novos aprendizados”, “modificou nossa rotina de aulas” demonstram que o ensino do esporte dentro de sua lógica externa, dando ênfase a fatores sociais, culturais, econômicos e históricos é relevante para os alunos de Ensino Médio.

Corroboramos com essas narrativas de que o trato pedagógico com o esporte, os significados, impressões e sentimentos inerentes aos alunos e à

assimilação dos saberes conceituais que foram parâmetros de análise para as demais aulas fora aqui contemplado, certamente que não por completo, mas atingiu um nível satisfatório, de acordo com os próprios alunos.

*Narrativa 4: “As atividades fora da sala de aula, eu achei muito completa também (...) as aulas foram ótimas e eu pude absorver vários conhecimentos.”*

*Narrativa 5: “Eu gostei das aulas, eu achei bem completa, foi muito bom né, porque a gente teve aula teórica, tiramos nossas dúvidas e ao mesmo tempo depois a gente foi pra quadra e colocamos em prática o esporte”.*

*Narrativa 6: contribuiu muito porque as vezes a gente pratica um esporte na qual a gente não sabe como ele surgiu, as vezes a gente não sabe, por exemplo os nomes que eram dados antigamente e os nomes que são dados atual”.*

Os alunos também fizeram autoavaliação de sua participação nas aulas da UD, e como a turma já estava acostumada com esse processo avaliativo não foi difícil obter respostas inerentes a esse estudo. Nem todos os alunos se consideraram 100%, tivemos muitas faltas durante as aulas, e isso fez diferença para eles.

*Narrativa 7: “foi ruim ter faltado na aula de classificação dos esportes, logo a que era só prática”.*

*Narrativa 8: “os meninos falaram que foi muito legal jogar o Dodgeball, não queria ter faltado esse dia”.*

*Narrativa 9: “Eles me falaram sobre a aula que eu faltei, parece ter sido bem legal, tomara que tenha outra”.*

Alguns alunos demonstraram interesse nas aulas, mesmo quando não realizavam a prática, estavam perto e prestando atenção nos colegas de sala jogando.

*Narrativa 10: “Ah, eu não quis participar da luta medieval, fiquei com medo, mas prestei atenção”.*

As narrativas acima nos levam também a entender que a parte prática foi muito relevante e muito lembrada pelos alunos e por vezes dentro das discussões deste capítulo pudemos observar essa sobrepujança das aulas práticas sobre as

teóricas. Como já dito na metodologia, as aulas foram programadas para serem proporcionais com relação ao tempo, e dessa forma foi feito, mesmo assim a importância que os alunos dão para a aula prática foi imensamente perceptível.

As aulas teóricas ou as que não fomos para a quadra também foram relevantes e muito importante para o processo de apreensão dos saberes conceituais e para a introdução dos conceitos que seriam vivenciados durante a prática. Assim sendo, cabe aqui neste momento de avaliação perguntar: A metodologia foi totalmente aceita ou os alunos só gostaram das aulas práticas, das novidades que foram levadas a eles? Questão essa que infelizmente não poderemos responder neste estudo.

Este processo de avaliação também contou com a auto avaliação do professor pesquisador que, de acordo com suas anotações de cada aula em diário de bordo também elaborou um diário de bordo final com suas impressões e sua auto avaliação durante a aplicação desta UD. foi um grande desafio, mas também um prazer imenso. Nestas aulas estão todas, ou quase todas, inquietações que tenho no tratamento pedagógico do ensino dos esportes. Todas essas aulas, em algum momento de minha carreira foram utilizadas de alguma forma. Para mim foi muito significativo conseguir juntar tudo em um pacote só e ainda atrelar com a pesquisa científica. Acredito estar no caminho certo para mudanças consideráveis na minha metodologia de ensino da Educação Física Escolar.

Quanto as metodologias empregadas na UD, me orgulhei da maioria, mas também me decepcionei com outras, como na aula sobre classificação dos esportes. Alguns momentos das aulas teóricas também não me brilharam os olhos, mas serviram de alerta para mudanças durante a própria UD e também para o restante de minha carreira. Finalizando, acredito ter conseguido alcançar meus objetivos e ter mudado um pouco a concepção de Educação Física Escolar e do ensino dos esportes na escola para meus alunos. (Diário de Bordo – Professor-Pesquisador)

Concluimos então este capítulo ciente de que este estudo mostrou a importância de um novo olhar sobre o ensino dos esportes nas escolas, um olhar que não separe a técnica da história, a teoria da prática e principalmente o esporte da escola. Pensamos assim estar colaborando de forma relevante para este processo. Mesmo com falhas durante a elaboração e a aplicação da UD, ainda assim ela se mostra relevante. Assim como seu tema principal, o esporte como

fenômeno e um dos principais objetivos que é a apreensão dos saberes conceituais sobre o esporte.

Frisamos aqui que este estudo se trata da própria prática do professor-pesquisador e como toda prática pode ser corrigida e aperfeiçoada, essa UD também está propícia a isso. Sempre estaremos nos motivando, como professores, a inovar e a trazer novas experiências para nossos alunos e nesse caminho com certeza também falharemos, observaremos nossos erros e os corrigiremos pautados sempre em fortalecer a Educação Física escolar, mediante aos nossos alunos e à comunidade escolar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou, como questão norteadora, a elaboração e a aplicação de uma Unidade Didática (UD) pautada no ensino dos saberes conceituais sobre o esporte como fenômeno em si e não como se apresenta atualmente nas escolas, ou seja, apenas como modalidades esportivas isoladas. A UD citada buscou elucidar algumas inquietações do professor-pesquisador, tais como o tratamento pedagógico do esporte na escola, o nível de conhecimento dos alunos sobre os saberes conceituais, a predominância dos conhecimentos de uma lógica interna dos esportes em detrimento dos conhecimentos de uma lógica externa (conceitos já apresentados durante o texto) e os significados e impressões que os alunos sobre o significado real do que é esporte.

Apresentamos como objetivo geral deste estudo a compreensão, por parte dos alunos, mais ampla do fenômeno esportivo em suas diversas manifestações a fim de colaborar com o processo de (re)conhecimento do trato pedagógico do conteúdo esporte, demonstrando as vastas possibilidades de trabalho com o tema, dessa forma colaborando com o processo de formação integral do aluno, busca recorrente nos sistemas educacionais. Após a análise dos resultados, percebemos que, mesmo com algumas ressalvas, este objetivo fora cumprido, pois os alunos afirmaram conhecer, agora, de forma mais abrangente o que é o esporte e assim

corroboraram com a pesquisa, afirmando que a didática empregada durante boa parte das aulas da UD foram suficientes e cumpriram a missão de mostrar um novo trato pedagógico com o ensino do esporte, assim (re) conheceram novo sentido para esta prática corporal dentro da escola.

Para chegar ao cumprimento desse objetivo geral, lançamos mão de objetivos específicos que de acordo com cada encontro dentro da UD proposta foram também sendo contemplados. Tratamos o esporte em outra perspectiva, apresentando os saberes conceituais junto com os saberes procedimentais, aliando assim teoria e prática que em certas ocasiões por vezes se misturaram e por outras, mesmo que mínimas foram dicotomizadas. Outro objetivo específico contemplado foi compreender o esporte em suas diversas manifestações de acordo com cada tema abordado durante as aulas como, por exemplo, os aspectos sociais e culturais, quando apresentamos os esportes de diversas culturas espalhados pelo mundo e os aspectos econômicos quando discutimos a influência da mídia nos esportes.

Não se trata aqui de demonstrar resultados da pesquisa, pois isso já foi feito, contudo estamos apresentando esses fatores contemplados nas aulas como forma de exemplificar o cumprimento de seus objetivos. Assim, apresentamos também que os processos de esportivização e desesportivização foram compreendidos quando os alunos aprenderam os conceitos e os aplicaram na prática. De forma mais geral, e atendendo aos dois últimos objetivos específicos observamos a importância, para os alunos de visualizarem o fenômeno esportivo sobre um outro olhar, além do fazer por fazer através de metodologias baseadas na pedagogia crítica descrita no referencial teórico.

Apresentamos a fala de um aluno, que exemplifica concretamente sobre o alcance desses objetivos. O pensamento do aluno coaduna com o pensamento do professor-pesquisador e se alinha na direção de que a UD proposta foi suficiente para cumprir nossos objetivos com os alunos:

*Aluno: Eu gostei muito das aulas que a gente teve, pois trouxe coisas novas, mais aprendizado, novos esportes, que quanto eu quanto a maioria nem sabiam que existia. E que também umas coisas tipo assim mais diferente anima todos nós em fazer uma aula de educação física porque todo dia ficar, vôlei, futebol, vôlei, futebol, fica monótono, aí fica chato, e quando vem umas aulas diferentes assim com*

*certeza anima toda a turma, aí a aula de educação física fica uma maravilha, e se for possível continuar assim não ia ter nenhum aluno iria ficar atoa e as aulas de educação física iam ficar super movimentadas. (17 anos)*

Vale ressaltar que ainda existe uma inquietação no que corresponde às narrativas dos alunos e os resultados da pesquisa, essa inquietação corresponde à dúvida de que os alunos gostaram realmente da UD como um todo ou somente das atividades diferenciadas práticas. Essa resposta infelizmente não podemos trazer ao trabalho, mas que fique como recomendação para próximos trabalhos semelhantes.

Como se trata de uma pesquisa para um mestrado profissional, produto final, que se trata da própria UD proposta aqui, permitirão que professores e futuros pesquisadores na área de Educação Física Escolar utilizem-na e contribuam com outras pesquisas sobre o mesmo tema.

Assim, porém entendemos que nosso problema de pesquisa, melhor dizendo, nossas inquietações descritas no início do trabalho foram em parte solucionadas. Digo em parte, pois entendemos que ainda ficaram pontas soltas que somente outros estudos poderão desvelar ou não. Essas pontas soltas correspondem às mesmas inquietações, que por ora possam parecer estar solucionadas, mas que na verdade ainda precisam ser concretizados com outras propostas de Unidades Didáticas, outros temas a serem discutidos dentro da cultura corporal e até mesmo outras inquietações com relação ao esporte, como por exemplo, a realização de megaeventos e sua relação com a política e economia.

Sendo assim, cabe ressaltar que este estudo possui limitações como um número maior de turmas pesquisadas, aumentando o público-alvo, assim contribuindo com mais narrativas. Essa limitação quantitativa se deu por causa das características da escola participante, pois se trata de uma escola que atende comunidades rurais sendo respaldada por lei, escola com turmas reduzidas como é nosso caso.

Entendemos que essa limitação na quantidade de alunos possa ter afetado o resultado da pesquisa, por isso não descartamos pesquisas maiores com o mesmo tema. Outra limitação foram os contratempos com outros eventos estipulados pela escola, por vezes os alunos se viam envolvidos em muitos trabalhos, pois a

pesquisa foi realizada nos três últimos meses do ano. Descrevo aqui, pois a UD precisou ser modificada do que era seu projeto inicial, e o principal ponto afetado foi à realização de uma mostra cultural esportiva sobre os esportes culturalmente praticados na comunidade ao longo dos tempos. Entendemos que poderíamos até omitir esse fato, mas achamos ser melhor justificar a ausência desse tópico dentro do estudo e ainda colaborar incluindo-o no produto final desta pesquisa, que se trata de um livreto sobre esta unidade didática.

Dessa forma, deixaremos como recomendações para os professores que utilizarão este produto e para futuros leitores e pesquisadores que de alguma forma se utilizarão deste estudo a observação de nossas limitações físicas e estruturais, assim como a formatação de novos temas (objetivos específicos) que possam ser incluídos na unidade didática proposta aqui.

Concluindo, entendemos ter passado por um processo de formação que, apesar de penoso pelos vários fatores ligados não só à pesquisa, mas também à vida pessoal, nos trouxe grandes contribuições didático-metodológicas que serão e já são de grande valia no nosso “chão de escola” e que possa contribuir também na formação de novos professores e professores-pesquisadores por todo esse “vasto mundo chamado escola”.

## REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. **Pluralidade cultural: os esportes radicais na educação física escolar.** Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 281-300, mar. 2012. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/14937/17352>>. Acesso em: 16 maio 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.14937>.

BARDIN, L., **Análise de Conteúdo**; Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo. Editora 70, 2016.

BARRIENTOS-PARRA, J. **O estatuto da juventude: instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens.** Revista de Informação Legislativa. n. 163 jul./set. Brasília, 2004, p.131-151.

BARROSO, A.L.R., **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar.** Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF -. Presidente Prudente. 2018.

BARROSO, A.L.R.; DE SOUZA JÚNIOR, O.M. **Esporte.** In. DARIDO, S.C. (Org.). Educação Física no ensino médio: diagnóstico, princípios e práticas. Ijuí. Ed. Unijuí, 2017, p. 253-274.

BRANDOLIN, F.; KOSLINSKI, M.; SOARES, A. J. G. A. **A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio.** Revista da Educação Física/UEM, v. 26, n. 4 p. 601, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas tecnologias**, volume 1, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013, 103 p.

BRACHT, V.A. **Esporte na escola e esporte de rendimento.** Revista Movimento, porto Alegre, v.4, n.12, p. 14-29, 2000/2001.

CAMARA, R.H. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações.** Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013.. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 08 maio 2020.



CARLAN, P. **O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica.** Ijuí. Ed. Unijuí, 2018.

CARRANO, P.; DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.

CAÚ, J.N.A.; DE OLIVEIRA, R., **Ensino Médio: expectativas e repercussões no projeto de vida das juventudes do IFPE.** Geoconexões, Recife, p. 29-43, v.1 2019. ISSN - 2359-6007. Disponível em <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/3544/pdf>. Acesso em 23 de janeiro de 2020. DOI: [doi.org/10.15628/geoconexoes.2019.3544](https://doi.org/10.15628/geoconexoes.2019.3544)

CHICATI, K. C. **Motivação nas aulas de educação física no ensino médio.** Revista da Educação Física/UEM, v.11, p. 97-105, 2008.

CORAZZA, S.M., Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.55-69.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 2012.

DARIDO, S.C; Os conteúdos da educação física na escola. In. DARIDO, S.C; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na escola: Implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. P. 64-78.

DARIDO, S.C.; GONZÁLEZ, F. J.; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina nas aulas de educação física escolar.** Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Presidente Prudente. 2018.

DAYRELL, J. T.; JESUS, R. E.. **Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar.** Educ. Soc., Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, June 2016. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302016000200407&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302016000200407&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 May 2020. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016151533>.

FERREIRA, A.F.; RUFINO, L.G.B.; DARIDO, S.C. Perfil dos alunos do ensino médio e suas implicações para a educação física. In. DARIDO, S.C. (Org.). **Educação Física no ensino médio: diagnóstico, princípios e práticas.** Ijuí. Ed. Unijuí, 2017, p. 71-89.

FERREIRA, B.M. **O ensino dos saberes conceituais críticos do futebol entre jovens estudantes do ensino médio nas aulas de educação física,** SP. 2018.

120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L.H.; SILVA, E.V.M. Esporte. In. DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na escola: Implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. P. 176-198.

GAYA, A. e colaboradores; **Educação Física: Ordem, Caos e Utopia.** Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014.

GARIGLIO, José Ângelo; ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares; OLIVEIRA, Cláudio Márcio. **O “novo” Ensino Médio: implicações ao processo de legitimação da Educação Física.** *Motrivivência, Florianópolis*, v. 29, n. 52, p. 53-70, set. 2017. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/50339>>. Acesso em: 01 jul. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n52p53>.

GOELLNER, S. V., REPPOLD FILHO, A. R., FRAGA, A. B., MAZO, J. Z., STIGGER, M. P., & MOLINA NETO, V. (2010). **Pesquisa qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar** - doi: 10.4025/reveducfis.v21i3.8682. *Journal of Physical Education*, 21(3), 381-410. Recuperado de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/8682>

GOMES, A.A., **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal.** *EccoS Revista científica*, v. 7, n. 2, jul.-dez., p. 275-290, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2005.

GONZÁLEZ, F.J. **Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação.** *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 10, n. 71, abril.2004. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

GONZÁLEZ, F.J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos.** Vitória. Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012, 126 p.

GONZÁLEZ, F.J.; FRAGA, A. B. **Afazer da educação física na escola: planejar, ensinar, partilhar.** Erechim: Edelbra, 2012

GONZÁLEZ, F.J. FENSTERSEIFER, P.E., **Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não-lugar da Educação Física escolar.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 10-21, 2010.

GRECO, J.P.; FERNÁNDEZ, R. (orgs.), **Manual do handebol: da iniciação ao alto nível.** São Paulo: Phorte, 2012.

IMPOLCETTO, F. M. et al. **Educação física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 2007, v. 6, p. 89-109.

KRAVCHYNCHYN, C., BÁSSOLI de OLIVEIRA, A. A., VICENTE CARDOSO, S. M., Implantação de uma Proposta de Sistematização e Desenvolvimento da Educação Física do Ensino Médio. Movimento [en linea] 2008, 14 (Mayo-Agosto) : [Fecha de consulta: 11 de septiembre de 2018] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115315219003>> ISSN 0104-754X  
LIBÂNEO, J.C. **Didática.** São Paulo. Cortez, 1994.

MACHADO, T.S.; BRACHT, V. **O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento”** de axel honneth. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 849-860, ago. 2016. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/60228/38854>>. Acesso em: 02 de maio 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.60228>.

MARCHI JÚNIOR, W. **O processo de ressignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte ISSN: 0101-3289. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338509011>

MATIAS, C. J. A. S., GRECO, P.J.. **De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – v. 10, n. 2, 2011, p. 49-63

MATTAR, J., **Metodologia Científica na Era Digital.** 4. ed. São Paulo. Saraiva, 2017.

MATOS, J. M. C., SANTOS, W., MELLO, A. S. SCHNEIDER, O., FERREIRA NETO, A. **Conteúdos de ensino da educação física escolar: saberes compartilhados nas narrativas docentes.** Rev. Educ. Fís/UEM, v. 26, n. 2, p. 181-199, 2. trim. 2015.

MAZZONI, A. V. **Dodgebol: defendendo ou queimando relações.** Colégio Santa Clara. São Paulo, SP. Relato de experiência. 2016. p. 1-10. Disponível em: <[http://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef\\_arquivos/Textos%20completos/alexandre.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef_arquivos/Textos%20completos/alexandre.pdf)>. Acesso em: 14 de Maio 2020.

MELO, V.A.; FORTES, R., **História do esporte: panorama e perspectivas.** Fronteiras, [S.I.], v. 12, n. 22, p. 11-35, dez. 2010. ISSN 2175-0742. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1180>>. Acesso em: 28 março 2020.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2013.

NEGRINE, A., Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In. MOLINA NETO, V., TRIVIÑOS, A.N.S., **A pesquisa qualitativa na Educação Física – Alternativas metodológicas.** 3 ed., Porto Alegre: Sulina, 2010. P. 61-100.

NEIRA, M.G. **Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>

NEIRA, M.G.; SOUZA JÚNIOR, M. **A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos.** Motrivivência, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, set. 2016. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/45356>>. Acesso em: 03 jul. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p188>.

NOGUEIRA, Q.W.C. **Esporte, desigualdade, juventude e participação.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte (Impr.), Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 103-117, Mar. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32892011000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000100007&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 May 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000100007>.

OLIVEIRA, F. R., TORRES SCHIESSL, I., DA VEIGA DE MÊNESES, R. V. DE M., CRISAFULLI RODRIGUES, R., & ARACAIN RICCETTO, P. H. (2020). **Definição de Termos Utilizados no Portal do Sistema Nacional de Juventude.** *Revista Juventude E Políticas Públicas*, 2(EE), 1-14. <https://doi.org/10.22477/rjpp.v1iEE.128>

OLIVEIRA, M.M. de; **O trato com o conhecimento esporte na abordagem crítico-superadora.** 163 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

PAIS, A. . Fundamentos didatológicos e técnico-didáticos de desenho de unidades didáticas para a área de língua Portuguesa. In **Encontros de didática.** Covilhã : Universidade da Beira Interior, 23 de Novembro, 2010.

PIRES, G. L. **Globalização, cultura esportiva e educação física.** Motrivivência, Florianópolis, n. 10, p. 26-43, jan. 1997. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4999/20418>>. Acesso em: 25 maio 2020. doi: <https://doi.org/10.5007/%x>.

RANGEL-BETTI, I.C. **Esporte na escola: mas é só isso professor?** Motriz, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999.

REVERDITO, R.S., SCAGLIA, A.J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão.** São Paulo: Phorte, 2009.

RIBEIRO, D.M.; MIRANDA, L.L; FEITOSA, G.L.; CARDOSO, N.F.S.; OLIVEIRA, P.S.N.; OLIVEIRA, T.C.D. de. **Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção.** Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 81-93, jan./jun. 2016.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. **A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva dos professores experientes.** Motriz, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 167-178, set./dez. 2005.

SARAIVA, M.C. **Co-educação Física e esportes: quando a diferença é mito.** 2ª edição. Ijuí: Editora Unijuí, 2005

SARAIVA, M.C. Co-educação, in, GONZÁLEZ, F.J.; FENSTERSEIFER; P.E. (orgs), **Dicionário Crítico de educação física.** Ijuí: ed. Unijuí, 2005.

SILVA, CINTHIA LOPES DA; VELOZO, EMERSON LUÍS; RODRIGUES JR, JOSÉ CARLOS. **Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural.** Educ. rev., Belo Horizonte , n. 48, p. 37-60, Dec. 2008 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982008000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000200003&lng=en&nrm=iso)>. access on 06 May 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982008000200003>.

SOUZA JÚNIOR, M.B.M.; DE MELO, M.S.T.; SANTIAGO, M.E. **A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar.** Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 29-47, jun. 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11546>>. Acesso em: 06 maio 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.11546>.

TUBINO, M., **Estudos Brasileiros sobre o Esporte – ênfase no esporte-educação.** Maringá, EDUEM, 2010.

TUBINO, M. **O que é esporte: uma enciclopédia crítica.** 2 Ed. Vol. 276. São Paulo: Brasiliense. 1999. Coleção primeiros passos.

VAGO, T.M., **Pensar a Educação Física na Escola: Para uma formação cultural da infância e da juventude.** Cadernos de formação RBCE, v.1, n.1, p. 25-42, set. 2009.

VAGO, T.M., O “**esporte na escola**” e o “**esporte da escola**”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, ago. 2007, ISSN 1982-8918. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2228>>. Acesso em 24/09/2018. Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2228>.

Z Aidan, Samira; FERREIRA, Maria Cristina Costa; KAWASAKI, Terezinha Fumi. **A pesquisa da própria prática no mestrado profissional**. Plurais -Revista Multidisciplinar, Salvador, v. 3, n. 1, p. 88-103, 2018.

ANEXOS

Anexo 01  
MODELO DE DIÁRIO DE BORDO

Data:	Pesquisador:	Atividade Geral:
Atividade:		
Objetivos:		
Recursos/Materiais:		
Procedimentos (Instruções):		
Desenvolvimento da Atividade:		
Comentários do Professor:		

Anexo 02

Roteiro de perguntas para os grupos focais

O que vocês acharam da aula?

Os objetivos da aula foram cumpridos?

As atividades propostas foram suficientes para cumprir os objetivos?

Quais foram os pontos positivos e negativos da aula?



# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

